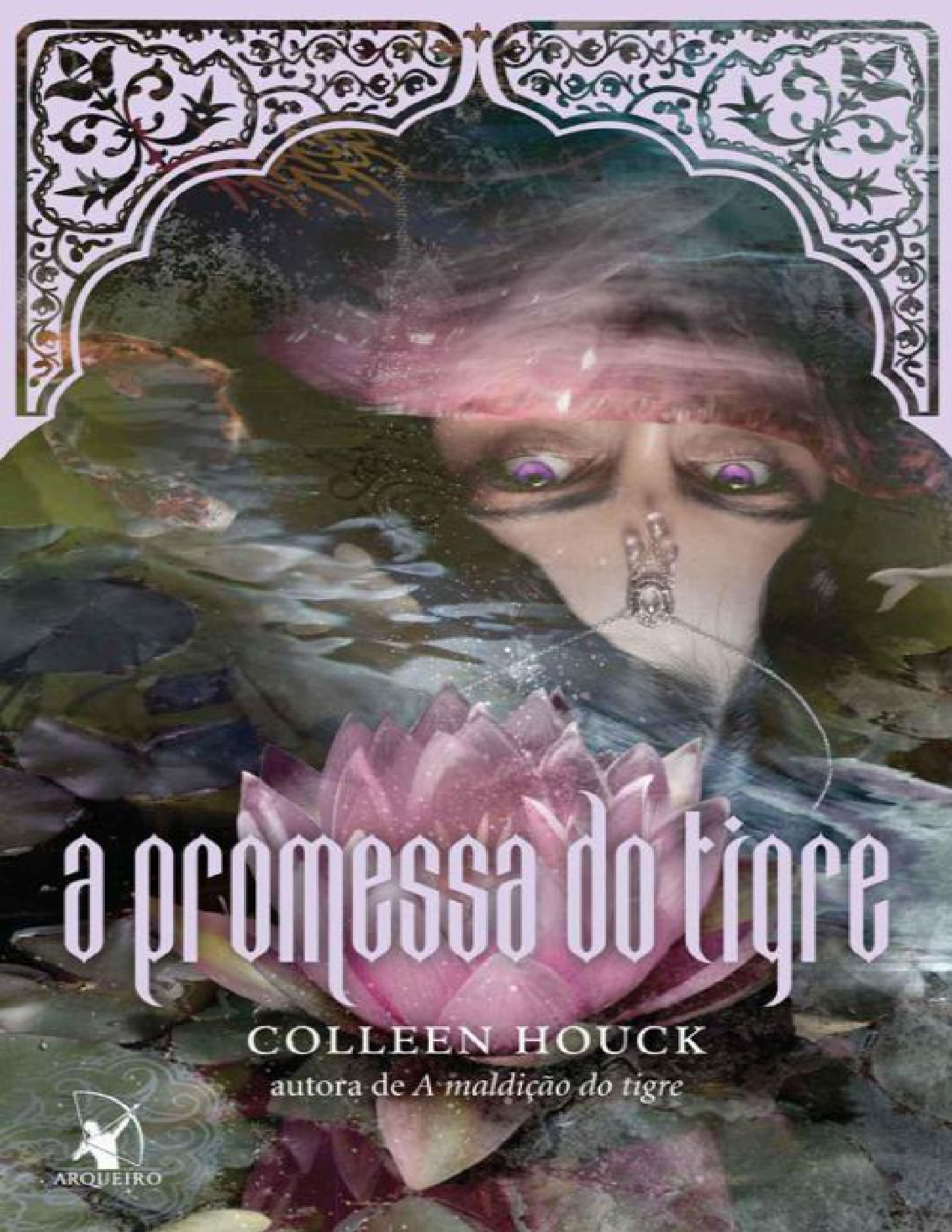

a promessa do tigre
COLLEEN HOUCK
autora de A maldição do tigre
ARQUEIRO

# a promessa do tigre



# O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura

extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

COLLEEN HOUCK

# a promessa do tigre



Título original: *Tiger's Promise*
Copyright © 2014 por Colleen Houck
Copyright da tradução © 2014 por Editora Arqueiro Ltda.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

*tradução*: Carolina Alfaro

*preparo de originais*: Rafaella Lemos

*revisão*: Juliana Souza e Luis Américo Costa

*diagramação*: Ilustrarte Design e Produção Editorial

*capa*: Elisabeth Parks

*adaptação de capa*: Miriam Lerner

*imagem de capa*: Cliff Nielsen

*adaptação para ebook*: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

ML831p

Houck, Colleen

A promessa do tigre [recurso eletrônico] / Colleen Houck [tradução de Carolina Alfaro]; São Paulo: Arqueiro, 2014.

recurso digital

Tradução de: Tiger's promise
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-302-1 (recurso eletrônico)

1. Tigre - Ficção. 2. Ficção americana. 3.. Livros eletrônicos. I. Alfaro, Carolina. II.Título.

14-13202

CDD: 813
CDU: 821.111-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

*Para meus irmãos Mel, Andrew e Jared,*
*fortes adversários nos jogos de tabuleiro,*
*mas grandes parceiros na vida.*

# Morte prematura

*Hartley Coleridge*

Ela feneceu como o orvalho matutino
Antes mesmo de o sol se elevar;
Tão breve seu tempo, o fim tão repentino
Mal soube o que era suspirar.

Como a rosa exala seu perfume suave,
O doce amor flutuava a seu redor;
Ela cresceu admirada – mas o destino tão grave
Se esgueirava, invisível, sem temor.

O amor era aqui seu Anjo da guarda,
Mas o Amor à Morte a entregou;
Se o Amor era bom, por que a salvaguarda
Da Morte sagrada nos amedrontou?

PRÓLOGO



# Perdida

A maioria das menininhas aguardava ansiosamente o momento em que o pai chegava em casa. Mas não Yesubai. Assim que as badaladas do sino anunciavam a chegada dele, o medo tomava seu coração, apertando-o com força, e a jovem parava de respirar.

Ninguém que observasse a pequena criança percebia o terror mortal que ela realmente sentia. Via-se apenas uma princesa diminuta, adornada com as mais finas sedas. Seus olhos grandes e de uma cor incomum de lavanda, emoldurados por cílios grossos e escuros sobre o rosto em formato de coração, eram capazes de derreter até o mais duro coração. Por fora, ela era calma e pacífica como um lago na montanha. Não havia nela nada de astúcia ou de mistério – ao menos não em sua aparência externa. A fisionomia de Yesubai em nada refletia a do pai.

Apesar disso, ninguém que trabalhava próximo à família arriscaria sequer um sussurro sobre a possibilidade de alguma infidelidade por parte da falecida mulher de seu amo. Ninguém seria tão burro. Contudo, todos pensavam isso. Todos se perguntavam como uma joia tão rara teria nascido de uma fonte tão impura. E quem mais refletia sobre isso era a amada babá de Yesubai, Isha.

A serviçal Isha fora chamada quase que imediatamente após a morte da mulher do amo, Yuvakshi. Na verdade, Isha tinha sido amiga da parteira que ajudara a dar à luz o bebê de Yuvakshi. Porém, logo após o nascimento de

sua jovem protegida, a lamentável morte da senhora foi anunciada. A isso se seguiu o misterioso desaparecimento da parteira. Isha, que era ama-seca, foi contratada, e ela e a criança foram banidas, sendo mandadas para o extremo mais distante da suntuosa mansão no pequeno reino de Bhreenam.

Bhreenam já tinha sido um lugar pacífico. O rei era velho, mas um bom homem, com pouquíssimas ambições políticas. A maior parte da população era composta de pastores e agricultores, e as forças militares tinham o tamanho necessário apenas para oferecer segurança contra baderneiros ou bêbados ocasionais. Aquele era um bom lugar para se morar... antigamente.

Agora, um novo comandante havia assumido o poder. O mesmo homem que contratara Isha. Um homem sombrio. Perigoso. Por fora, claro, era todo sorrisos e demonstrava deferência ao rei, mas Isha precisava se esforçar muito para não fazer um apelo aos deuses, pedindo proteção contra o mal, cada vez que ele se aproximava. Seu patrão a apavorava. Mais do que qualquer outra pessoa que ela já conhecera.

A suspeita de Isha de que o pai da criança fizera algo terrível à esposa aumentava ainda mais quando ele visitava o quarto da bebê. Ela muitas vezes o surpreendia lá, encarando a filha com um nítido desprezo estampado no rosto. Covardemente, ela esperava junto à porta, parcialmente escondida, esfregando as mãos enquanto murmurava súplicas silenciosas para que a menininha a quem passara a amar não fizesse nada que pudesse irritar o pai.

Quando ele se retirava, ela suspirava de alívio e agradecia aos deuses por terem feito com que sua protegida não despertasse. Porém, após cada uma dessas visitas, ela descobria que a menininha na verdade estava acordada, os olhos líquidos ainda encarando o ponto onde havia pouco estivera o rosto do pai. Os braços e as pernas da bebê permaneciam imóveis e o cobertor continuava firme, enrolado nela.

Com o passar do tempo, apesar das visitas frequentes do pai da menina, Isha passou a desejar que Yesubai demonstrasse mais emoções. Com efeito, muitas vezes se perguntava se estaria fazendo algo errado. Ela não era uma criança malvada. Nada disso. Yesubai apenas tinha um temperamento sério.

Ela não brincava como as outras crianças. Em vez de sonhar acordada ou fazer de conta com seus brinquedos, apenas os posicionava em um lugar

onde, segundo ela, ficavam mais bonitos de se ver. Os sorrisos eram raros. Com sua beleza inegável, a maioria das pessoas a enxergava somente como uma bonequinha. Apenas Isha era capaz de captar os sentimentos profundos que corriam sob a superfície.

As visitas do pai de Yesubai se tornaram menos assíduas à medida que a menina foi crescendo, ou seja, na maior parte do tempo ele deixava a filha em paz – exceto quando a levava a festas e eventos políticos. Nessas ocasiões, a beleza rara da menina parecia agradá-lo, especialmente quando o rei tecia comentários sobre ela. Yesubai seguia o pai de ministro em ministro, até mesmo segurando sua mão quando ele exigia, e não abria a boca a menos que alguém falasse diretamente com ela. Nesses casos, era educada e perfeita como uma princesa, e sua natureza tranquila encantava a todos os que a conheciam.

Embora a usasse em proveito próprio, o pai de Yesubai não lhe dirigia uma palavra amável e entregava a menina aos cuidados de outra pessoa assim que era possível. Só quando estava em segurança nos braços de Isha é que a jovem relaxava os ombros e seus lindos olhos se fechavam. Então a babá acomodava aquela pequena criatura etérea na cama e refletia, sempre, se ela não seria uma mulher adulta, mais sábia do que permitia a sua idade, presa naquele corpo de criança.

Quando Yesubai tinha 8 anos, seu pai partiu numa viagem pela qual demonstrara estar curiosamente entusiasmado. O brilho em seus olhos era assustador, e Isha torceu em segredo para que a razão de sua partida, qualquer que fosse, o mantivesse afastado por tempo indefinido. Porém, como sempre, ele voltou e ela aguardou, com temor paralisante, o que viria a seguir. Se a viagem do amo tivesse sido bem-sucedida, ele mandaria os serviçais distribuírem caixas de flores recém-colhidas; caso contrário, iria atrás de Yesubai. Isha não precisou esperar muito tempo.

Quando irrompeu no quarto, afoita, viu a menina que passara a amar em pé, imóvel, olhando fixamente para a porta. Tomou-a pela mão e apertou com força. Os olhos cor de lavanda piscaram uma vez, duas, e então se voltaram para a velha serviçal. O mais tênue movimento de canto de boca indicava que Yesubai estava grata por sua presença.

Enquanto a menina cobria cuidadosamente os cabelos que iam até a cintura com um lenço roxo, Isha andou pelo quarto, já impecável, e alinhou um livro sobre a mesa, secou a condensação da jarra de água, esticou um cobertor e afofou algumas almofadas.

Ouviu-se um ruído de botas pesadas se aproximando pelo corredor e rapidamente Yesubai prendeu o lenço, passando-o sobre o rosto de modo que só seus lindos olhos pudessem ser vistos. Isha se posicionou na lateral do quarto e ficou na penumbra, tomando coragem para defender a menina, mas torcendo para que isso não fosse necessário. Por mais que quisesse ser uma mulher forte, do tipo que não se curvava diante do mal, sempre sentia um alívio culpado quando a menininha que sabia demais era capaz de lidar com o pai sem a ajuda de ninguém.

*Um dia*, pensou, *um dia ficarei ao lado dela, sem medo.*

Porém Isha não se manteve destemida ao lado de Yesubai – pelo menos não imediatamente. Quando o pai da menina entrou no quarto, com o poder crepitando nas pontas dos dedos, tanto a jovem quanto a idosa souberam que a visita daquele dia não traria flores, mas espinhos. Yesubai fez uma mesura para o pai e baixou o olhar humildemente, como ele esperava, mas então ele atacou, primeiro com o poder antinatural que trazia armazenado nos braços e depois com os punhos.

Sedas preciosas foram consumidas por labaredas. Pedaços de pedra voaram, chocando-se contra a parede oposta. Delicadas bonecas, com rostos de cera minuciosamente esculpidos, derreteram completamente. Quando a destruição física se mostrou incapaz de acalmá-lo, ele dirigiu a ira contra a filha.

Bravamente, ela se manteve de pé diante dele, calma e com a cabeça baixa, enquanto o pai esbravejava sobre tudo o que queria mas estava fora de seu alcance: o desejo por uma mulher que o rejeitara, o fato de Yesubai ser frágil e indefesa e de que seu nascimento lhe negara o filho homem que ele tanto queria a seu lado.

Com a fúria de um touro, ele levou o braço atrás e acertou Yesubai no rosto com tanta força que levantou seu corpo franzino do chão. O vento arremessou o véu para o lado e sacudiu seus cabelos. Com um ruído de revirar o estômago, Yesubai se chocou contra a parede e deslizou lentamente até não

ser mais que um amontoado no chão. A menina ficou imóvel, com o corpo machucado, parecendo uma boneca que fora atirada sobre rochas pontiagudas.

Com um grito, Isha correu, se colocando no caminho do monstro, recebendo em troca uma perna quebrada, a traqueia comprimida, dois olhos roxos e hematomas profundos por todo o corpo. Sua protegida estava morta e Isha sabia que logo se juntaria a ela.

No silêncio após a partida dele, Isha recobrou os sentidos. A dor percorria seu corpo e latejava por trás de suas pálpebras, porém ela sentiu um leve toque no braço. Yesubai. A menina estava viva.

Ela tocou a amada babá com dedos macios e vacilantes, e um formigamento morno aliviou a dor que percorria os braços e as pernas de Isha. Passaram-se horas e, à medida que se recuperava, Isha refletia sobre o que deduzira dos acessos de raiva de seu amo. Tudo indicava que sua tentativa recente de se infiltrar em um reino vizinho havia fracassado, o que provocara sua fúria. Ele exclamara que os amuletos seriam dele *de qualquer maneira* e que, se fosse necessário, lutaria contra mil soldados para pôr as mãos nos jovens príncipes.

Enquanto batia na filha, dissera que ela era tão imprestável e submissa quanto a mãe, que um homem poderoso como ele precisava de uma mulher forte e decidida a seu lado e que deveria ter matado Yuvakshi antes de ela lhe dar uma filha fraca, uma fonte permanente de problemas para ele.

Isha continuou deitada em silêncio, o inchaço do rosto e do corpo diminuindo graças ao toque curativo de Yesubai. Ainda assim, a menina, com o lindo rosto marcado por cortes causados pelos anéis do pai, chorou e se desculpou por não poder fazer muito para ajudá-la com a perna. Não importava. Isha se recuperaria.

No dia seguinte, a dificuldade de caminhar serviu para lembrá-la de sempre lutar contra o mal. Isha até sentia certo orgulho por saber que, no fim das contas, tivera a coragem de defender sua protegida. Mesmo assim, por mais heroica que tivesse sido, ainda tinha um medo terrível do futuro. O que seu amo faria quando descobrisse que as duas não haviam morrido?

Naquele dia repleto de dor e tristeza, Isha compreendeu duas coisas muito importantes.

Primeiro: existia um poder mágico, que era usado de forma malévola pelo pai, mas que de algum modo havia sido transmitido à filha. Segundo: o pai de Yesubai realmente tinha matado a esposa e não hesitaria em perpetrar outros assassinatos. Ela já suspeitava que ele tivesse cometido um mal terrível no passado, mas agora sabia que era capaz de algo ainda pior. Muito pior.

# 1



# Véu

Eu estava sentada diante do espelho enquanto Isha escovava meus cabelos com movimentos delicados e manipulava as pétalas das flores amarelas com as quais eu acabara de fazer um arranjo. Meu pai havia retornado de uma campanha bem-sucedida, que lhe abrira novas oportunidades financeiras. Não que o povo ou o rei fossem ver uma moeda de ouro, uma ovelha gorda ou mesmo um rolo de tecido fino que fosse. Não. Os únicos que lucrariam com as conquistas de meu pai seriam seus aliados próximos – homens quase tão vis, traiçoeiros e corruptos quanto ele.

É claro que nenhum chegara perto de praticar atos como os dele. Aliás, se eu comparasse os feitos daqueles sanguessugas com os crimes cometidos por meu pai, não chegariam nem a seus pés. Havia muito tempo eu deixara de contar o número de pessoas que ele tinha assassinado das formas mais violentas. Se não fosse por Isha, eu mesma teria desaparecido misteriosamente anos atrás.

Infelizmente, a magia que eu tinha sido capaz de desenvolver só surtia efeito em mim, com exceção de uma pequena dose de poder de cura que eu proporcionara a Isha ao longo dos anos – uma habilidade que ficara cuidadosamente em segredo. Nós duas sabíamos o perigo que correríamos se meu pai descobrisse que eu havia herdado a mais ínfima porção da magia que

ele dominava. Assim, observávamos e esperávamos, mas nunca havia um momento em que não estivéssemos cercadas, em que ao menos um guarda não nos vigiasse com total atenção. Todos sabiam o que aconteceria se descumprissem uma ordem de meu pai. Até que as circunstâncias mudassem, éramos prisioneiras.

Eu era sempre cuidadosa, sempre vigilante, ainda mais agora que ele tinha retornado. Era o meu 16º aniversário, e o rei, um homem tão bondoso quanto meu pai era desprezível, solicitara minha presença em uma celebração. Ele daria uma grande festa e, embora eu estivesse grata por sua consideração em me convidar, meu estômago se contorcia de nervosismo.

Quando os festejos foram anunciados, estremeci por saber que a atividade exigiria que eu estivesse acompanhada de meu pai, algo que eu detestava e – ainda pior – que era inerentemente perigoso. Mesmo assim, passar o dia do meu aniversário comparecendo a uma festa suntuosa no palácio era algo tão raro e especial que me deixei levar pelo entusiasmo. Principalmente porque eu achava que poderia ter a oportunidade de visitar o famoso jardim do rei.

Isha anunciou que o penteado estava pronto. Ela o havia arrumado de modo que a maior parte pendesse pelas minhas costas, mas tinha prendido várias mechas no topo da cabeça, com pequenas joias entremeadas. Trajando as sedas suntuosas porém visivelmente modestas que meu pai me permitia usar, eu me apresentei para a inspeção de Isha.

Ela estalou a língua.

– Você sempre foi uma linda criança, minha pequena Yesubai, mas está se tornando uma jovem deslumbrante.

Pegando o véu translúcido de suas mãos, passei-o pelas costas e o acomodei com cuidado sobre os cabelos. Deixei Isha vislumbrar um breve sorriso triste.

– E você sabe quanto eu preferiria ter uma aparência mais normal. A beleza só serve para chamar a atenção dele ainda mais.

Enquanto prendia o véu no lugar, Isha retrucou:

– Talvez sua beleza o faça se controlar mais do que é da natureza dele.

– Talvez. – Fixei a parte inferior do véu dourado transparente sobre meu rosto e senti o nó no estômago que denunciava que alguém de grande poder estava por perto. – Ele está se aproximando. Vá se esconder no closet.

– Sim, senhorita. – Isha colocou a mão macia e enrugada no meu rosto. – Fique em segurança hoje à noite.

Dei palmadinhas em seu braço.

– Você também.

Isha se virou depressa com a escova na mão e se afastou mancando. Mesmo sendo uma mulher grande com problema numa das pernas, ela se movia silenciosamente, habilidade que nós duas dominamos por necessidade. Nem prestando atenção eu era capaz de ouvir qualquer indício de que ela estava presente. Do closet ela poderia ver minha interação com meu pai, mas tinha instruções implícitas para não intervir, não importando o que acontecesse.

De qualquer forma, a possibilidade de ele me agredir antes de nos encontrarmos com o rei era remota e, mesmo se acontecesse, apesar da minha habilidade limitada para sarar os ferimentos de Isha, a mim eu poderia curar completamente. Se ao menos pudesse praticar minha magia de forma mais aberta, talvez alcançasse um nível de poder que me permitisse realmente ajudar as pessoas.

Armando-me de forças, baixei o olhar no momento exato em que a porta se abriu. Meu pai entrou no quarto com seu assistente, Hajari, um homem tão cruel quanto feio. Plantada firmemente no lugar, dominei meu medo quando Hajari fechou a porta ao entrar e senti a energia vibrar pelo meu corpo quando obriguei meus músculos a relaxarem.

– E onde está aquela babá preguiçosa? – perguntou imediatamente Lokesh, meu pai. – Ela tem o mau hábito de deixar você muito tempo sozinha.

– Nunca estou totalmente só, pai – respondi em voz baixa, e senti sua irritação. Meu comentário fora descuidado e transmitia ousadia. Rapidamente completei: – Além disso, não há uma alma sequer na casa de meu estimado pai que ousaria se aproximar de mim com más intenções. Sua poderosa influência é sentida mesmo a distância.

Após um momento avaliando as minhas intenções, ele decidiu deixar meu comentário passar em branco.

– E é assim que deve ser – disse com impaciência.

– Talvez tenha sido precipitado de minha parte – expliquei rapidamente –, mas mandei Isha se retirar mais cedo. Ela não está se sentindo bem e eu não

queria pegar a doença dela e me apresentar ao rei com o nariz vermelho e escorrendo.

Ele resmungou, mas imediatamente perdeu o interesse em Isha. Meu pai reprovava a fraqueza mais do que tudo e detestava vê-la nos outros. Em toda a minha vida, jamais o vira doente, mas qualquer soldado que apenas tossisse perto dele era mandado para longe no mesmo instante. Sua aversão à doença agia a meu favor, mas eu sabia que ele era inteligente demais para cair mais de uma vez no mesmo truque.

Andando ao meu redor, ele avaliou minha aparência ostensivamente e, embora meus punhos tivessem se cerrado quando vi o sorriso lascivo de Hajari, revelando seus dentes escurecidos e trincados – algo que ele somente ousava fazer pelas costas de meu pai –, rapidamente abri os dedos e alisei as saias. Não queria demonstrar medo ou nervosismo. Seu maior prazer era evocar essas emoções nos outros. Até o rosto de Hajari já estava impassível quando meu pai terminou de dar a volta.

– Acho que você está vestida adequadamente – disse ele. – Embora eu prefira lavanda a esse dourado. Ressalta seus olhos.

Ele segurou meu queixo e, obedientemente, levantei o olhar para encontrar o dele.

– Vou me lembrar de suas preferências para a próxima celebração a que comparecermos – murmurei com modéstia, apenas com um toque de atrevimento para não atiçar seu instinto de explorar a fraqueza. Ambos sabíamos que outro convite real seria, na melhor das hipóteses, improvável.

Meu pai era como um animal predador. Se uma pessoa tivesse a ousadia de enfrentá-lo, ele admirava o gesto; já se ele a considerasse fraca demais, simplesmente a destruía. O melhor modo de evitar ficar preso em suas garras era não deixar rastros, mover-se pelo espaço como um espírito.

Eu tinha 10 anos quando descobri que eu possuía a capacidade de desaparecer. Inicialmente, eu nem sequer percebi o que tinha acontecido. O ruído forte de botas do lado de fora do meu quarto me assustou e fiquei paralisada no lugar. Isha entrou rapidamente nos meus aposentos e passou por mim com pressa para arrumar o cômodo, que já estava impecável. Meu pai gostava que suas posses, assim como as pessoas – que para ele também

eram suas posses –, estivessem nos devidos lugares quando ele as encontrasse.

As precauções de Isha tinham sido desnecessárias. A porta não chegou a se abrir. Quando ela espiou do lado de fora, trocou breves palavras com o guarda e tornou a fechar a porta.

Foi quando começou a me chamar.

– Bai? Yesubai? Onde você está? Já pode sair. Seu pai não está aqui. Era só a troca da guarda.

– Eu... estou bem aqui – murmurei em voz baixa.

– Bai? Onde você está? Não consigo vê-la.

– Isha?

Preocupada, dei um passo à frente e pus a mão em seu braço. Ela deu um gritinho de susto e depois passou as mãos pelos meus braços e pelo meu rosto.

– Deve ser a magia – disse ela. – Você ficou invisível. Consegue voltar a ficar visível?

– Não sei – respondi, sentindo o pânico crescer em meu peito.

– Tente limpar a mente. Pense em algo sem importância.

– Como o quê?

Isha olhou para as caixas de flores que tinham acabado de ser trazidas do mercado para que eu fizesse arranjos – o único prazer que meu pai me concedia. Eu imaginava cada botão que eu pegava crescendo livremente ao sol, abrindo as pétalas na direção do céu, embora soubesse que a maioria das flores que recebia era cultivada. Observá-las murchando devagar com o tempo me parecia estranhamente apropriado e extremamente profético.

Mesmo quando criança, eu me perguntava quando meu próprio desabrochar acabaria e eu começaria a murchar até não restar nada, isolada em meus aposentos, de onde não retirava nutriente algum e onde nunca podia sentir o sol no rosto. Se ao menos tivesse a liberdade de ir ao mercado sozinha, de escapar momentaneamente da prisão em que vivia, apreciaria essa folga.

– Diga o nome todas as flores de que conseguir se lembrar – sugeriu Isha, interrompendo meus pensamentos.

– Vou tentar. – Umedeci os lábios e comecei: – Jasmim, lótus, calêndula,

girassol...

– Isso. Está começando a funcionar. Já consigo vê-la, mas a luz a atravessa como se você fosse um espírito.

– Magnólia, dália, orquídea, crisântemo...

– Só mais um pouquinho.

– Lírio, azaleia, amaranto, clêmatis, caliandra.

– Pronto. Você já está totalmente visível. Como se sente?

– Estou bem. Não percebi que estava usando magia.

– Vamos treinar enquanto seu pai estiver fora. Precisa aprender a controlar isso, Bai.

E, de fato, treinamos. Quando ele voltou, infelizmente em pouco tempo, apenas quatro meses depois, eu já dominava a habilidade de me tornar invisível, mas, por mais que tentássemos, não conseguia transferir esse dom para Isha ou compartilhá-lo com ela. Nossa felicidade com esse novo talento logo se transformou em resignação, pois eu me recusava a deixar minha guardiã para trás, ainda que ela gastasse muitas horas e ainda mais lágrimas tentando me convencer a fugir sem ela. Por fim, decidimos não correr o risco de revelar esse poder e continuei passando tanto tempo no quarto quanto antes.

Durante os anos seguintes, usei minha nova habilidade somente em raras ocasiões. Algumas delas foram para escapar dos avanços inapropriados dos poucos homens de meu pai que se atreviam a arriscar enfurecê-lo. Desde pequena, eu estava sujeita a seus olhares maliciosos e beliscões quando meu pai não estava olhando. Alertavam-me de que, se eu os denunciasse, fariam algo horrível com Isha. À medida que eu ia crescendo, essas ameaças iam se tornando cada vez mais comuns e eles faziam de tudo para encontrar oportunidades de ficarem a sós comigo.

Quando um deles enfim conseguiu, fugi para a sala ao lado e fiquei invisível. Embora o homem suspeitasse de que eu o enganara com algum truque, não teve coragem de dizer nada ao meu pai, pois teria que explicar, para começo de conversa, por que estava em meus aposentos.

Depois disso, usei meu poder mais algumas vezes para espionar os guardas ou roubar guloseimas para dar de presente a Isha, mas ela achava que era

arriscado demais e, para deixá-la feliz, parei de usar minha habilidade a menos que fosse absolutamente necessário. Graças à vigilância de Isha e aos meus poderes, sempre consegui escapar de todos aqueles que quiseram me fazer mal – com exceção de meu pai. O perigo que eu correria se ele descobrisse minhas habilidades era inegável, então eu suportava suas agressões em silêncio.

Embora tudo o que eu quisesse naquele momento em que meu pai andava ao meu redor fosse desaparecer, abri um meio sorriso e reforcei minha determinação. Com um leve farfalhar causado pelo movimento das minhas saias, saímos pela porta e descemos o largo corredor. Hajari nos seguia em silêncio, o que significava que ele seria meu guarda pessoal naquela noite.

Entrei na opulenta carruagem cedida pelo rei e me deixei levar pela atmosfera de celebração. Havia uma faísca de entusiasmo que revigorou meus sentidos, e, embora eu estivesse com meu pai, a oportunidade de enxergar para além das paredes do espaço em que eu vivia era tão rara que decidi aproveitá-la ao máximo e absorver cada imagem e som. Antes que eu pudesse me conter, sorri. Meu pai percebeu.

– Você parece sua mãe quando a conheci.

O sorriso desapareceu de meu rosto e substituí-o por uma expressão neutra, antes de deixar a cortina se fechar e me voltar para ele.

– Ela era linda – comentei com indiferença.

Não era uma pergunta ou uma maneira de puxar conversa, mas uma simples afirmação de algo que eu sabia ser verdade. Havia muito tempo, eu descobrira que era mais fácil e seguro responder somente quando se esperava isso de mim e, mesmo assim, dizer o mínimo que a boa educação permitisse. Também havia aprendido a não criar falsidades que meu pai pudesse desvendar facilmente.

– Era, sim – respondeu ele. – Mas ela... – ele se inclinou para a frente – não é mais.

Compreendi a mensagem. Ele sabia que os homens me cortejariam essa noite e minhas ações seriam bem monitoradas.

– Entendo, pai – disse e baixei o olhar, cruzando as mãos sobre o colo com

firmeza.

Após esse breve diálogo, ele me ignorou e conversou com Hajari, que estava sentado perto demais de mim. Através das várias camadas de seda, eu sentia a coxa dele contra a minha e, de tempos em tempos, ele mexia a perna na minha direção, esbarrando em mim. Tentando ignorá-lo, cheguei mais para a janela e me concentrei em olhar a cidade que passava por nós.

Toda ela estava iluminada e, quando os cavalos viraram a esquina, avistamos o palácio. Fora construído no topo de uma colina, com uma vista panorâmica da cidade ao redor. Além das construções, havia florestas, um extenso lago e morros que ofereciam proteção contra os inimigos do rei. A magnífica cidadela era inteiramente de mármore e granito, e, com suas várias torres, cúpulas e sacadas, havia muitos lugares para explorar. Infelizmente, eu nunca teria essa oportunidade.

Avançamos depressa na direção do primeiro de três portais em arco batizados com o nome do guardião esculpido em mármore que ficava ao lado de cada uma das bases. O primeiro era Vanar Pol, com duas grandes estátuas de macacos. Depois vinha Bagh Pol, ou o Portão dos Tigres Gêmeos. Estremeci ao ver o terrível par de tigres guardiões, com dentes e garras à mostra.

Por último vinha Hathi Pol, ou o Portão do Elefante, com um elefante em tamanho real de cada lado, de tromba erguida e presas pontudas voltadas para a frente. Embora não houvesse vestígios disso, eu sabia que o vasto descampado do outro lado do Portão do Elefante era usado para combates de elefantes – prática recente e horrível que meu pai havia incentivado. Ele argumentava que as lutas serviam para avaliar a força e a potência dos animais, e os vencedores eram usados em suas campanhas bélicas.

Eu sabia que ele encorajava essas disputas não para descartar os fracos, embora certamente isso fosse algo que ele faria, mas para atiçar os homens. Os resultados eram arranjados e os responsáveis davam ópio aos animais para eles ficarem mais agressivos que o normal. As batalhas de elefantes atraíam os homens mais sedentos de sangue, guerreiros cruéis e sem compaixão que buscavam lucrar com a guerra e a dor dos outros. Resumindo: era uma forma de recrutar o tipo de homem que ele queria ao seu lado.

Porém, para a festa não haveria batalhas e o sangue tinha sido totalmente limpo. O palácio reluzia com milhares de lampiões e os vestidos coloridos de centenas de mulheres que, usando joias chamativas, adornavam os passeios como se fossem flores vibrantes em meio ao cenário.

Dentro, a luz cintilante se refletia nos afrescos, vitrais, mármores e espelhos. Murais fantásticos ilustravam as grandes vitórias dos antigos reis. Cada salão, cada corredor, cada terraço era uma obra-prima de arquitetura e estava repleto de riquezas do reino – vasos preciosos trazidos de lugares exóticos, obras de arte produzidas sob encomenda por grandes mestres e esculturas tão lindas que eu sentia vontade de passar os dedos nos detalhes entalhados.

Apesar da opulência do interior do palácio, havia uma coisa que eu queria ver mais do que tudo: o famoso jardim suspenso da corte mais alta. Sabia que meu pai não teria interesse em visitar um lugar assim. Lá não haveria cortesãos, diplomatas ou estratégias políticas, mas pensei que, talvez, se eu conseguisse apenas dar uma olhada no lendário jardim, guardaria essa visão na memória e refletiria sobre ela ao longo dos meus longos e solitários anos.

Infelizmente, demorei um pouco mais do que devia diante de uma estátua em mármore da deusa Durga e meu pai me puxou dolorosamente pelo braço, apertando meu pulso até eu sentir o sangue quente latejar na mão. Seguimos em frente em silêncio até encontrar um casal com quem ele desejava falar.

Ele finalmente soltou meu pulso e eu girei a mão para a frente e para trás da forma mais discreta possível até que a sensibilidade dos dedos voltasse. Porém meu alívio foi breve, pois logo entramos no salão de recepções do rei – uma área ampla, enfeitada com uma quantidade tão grande de lanternas e tão arborizada que parecia que eu estava num pequeno bosque sob centenas de estrelas.

Meu pai me conduziu para cumprimentar cada um dos presentes, e não pude deixar de notar que quase todos os homens que se aproximavam pareciam estar me avaliando. Um deles chegou a ter a audácia de estender a mão para erguer meu véu. Imediatamente ele afastou a mão e começou a sufocar. De sua boca saiu uma quantidade sobrenatural de água. Ele se afastou depressa e não tive certeza se o homem sobreviveria ao encontro conosco.

– Venha, Yesubai – instruiu meu pai, segurando-me com força pelo braço. –

Preciso falar com o rei para descobrir por que a sua presença atrai tanto interesse.

Enquanto aguardávamos nossa vez de falar com o rei, a impaciência de meu pai deixou marcas no meu braço já dolorido, embora, por fora, ele parecesse estar impassível. Lokesh ficou observando o trono dourado do rei descaradamente, adotando um ar respeitoso quando alguém se voltava para ele, mas calculista quando ninguém estava olhando.

Finalmente chegou a nossa vez. O velho rei abriu um sorriso bondoso para mim e apertou as mãos de meu pai, maravilhado.

– Lokesh, o herói das batalhas! Como nosso exército está se saindo? – indagou ele, com uma expressão que demonstrava claramente que tinha mais interesse na celebração do que na resposta à sua pergunta.

Fazendo uma reverência rígida, meu pai respondeu em voz baixa:

– Nossos inimigos se acovardam diante do poder de seu trono, Grande Rei.

– Muito bem – disse o rei, dando o assunto por encerrado. – Pois bem. Imagino que esteja se perguntando por que providenciei este festival e pedi especificamente que sua filha comparecesse.

– Estou... curioso – respondeu Lokesh.

– Ah, meu genial amigo, estou encantado. Se realmente consegui guardar este segredo de você e de todos os seus espiões no palácio, fico feliz em receber o crédito por realizar uma façanha impossível para a maioria dos mortais: enganar o mestre da astúcia. Bendito o dia em que você entrou em meu reino, Lokesh.

– Sinto exatamente o mesmo, meu Rei.

– Sim.

– Agora talvez esteja disposto a compartilhar seu segredo.

O soberano riu.

– Sim, meu segredo. – O rei deu uns tapinhas no ombro de meu pai, gesto que eu sabia que ele detestava. – Como sabe, meu amigo, não tenho filhos vivos e você é o próximo líder natural do reino.

Meu pai sorriu malignamente, com uma expressão de víbora que me fez estremecer até a medula. Pelo visto, não teve o mesmo efeito no ingênuo rei. O homem que estava no trono tinha, entre os seus, um lobo que se fazia

passar por cordeiro. Era só questão de tempo até o animal de estimação se voltar contra ele e devorá-lo.

– O senhor me deixa lisonjeado – disse Lokesh.

– De forma alguma. Todo elogio a você é bem merecido. Pois bem, andei estudando atentamente as suas atividades e incursões em outros reinos.

– É mesmo? – retrucou meu pai.

– Passei a apreciar seus esforços para expandir as fronteiras de nosso reino por meio da diplomacia, da negociação ou – ele se inclinou para a frente e baixou a voz – da intimidação.

*Está mais para conspiração, confronto e terror*, pensei.

O rei prosseguiu:

– Assim, decidi propor, eu mesmo, uma barganha.

Pequenas pontadas de dor fustigavam meu braço no local onde meu pai me segurava. Eu literalmente sentia a raiva pulsar sob seus dedos.

– O que o senhor fez? – indagou meu pai, conseguindo torcer as palavras para que parecessem despreocupadas, embora eu percebesse a real ameaça por trás delas.

O rei, claro, estava alheio a tudo e anunciou, jubiloso:

– Convidei alguns dos homens mais poderosos dos reinos vizinhos com a promessa de que um deles – e o rei ergueu as sobrancelhas, olhando de um lado a outro rapidamente –, aquele que apresentar a oferta mais agradável, tomará sua filha, a adorável Yesubai, como esposa.

# 2



# Exibição

Perdi o fôlego e meu corpo ficou paralisado. Num instante de pânico, pensei ter desaparecido, mas o rei olhava sucessivamente para mim e meu pai, tentando avaliar nossas reações. Felizmente, o véu disfarçou o choque, que consegui esconder depressa. A tensão na mão de meu pai não transparecia em seu rosto, e ele deu um sorriso forçado.

– E há quanto tempo planeja isso, Grande Rei? – indagou Lokesh educadamente, embora eu soubesse que ele estava fervendo de raiva.

Fiquei com o estômago embrulhado, doendo – uma indicação de que meu pai estava concentrando o poder à sua volta. Eu nunca o sentira emanar dele com tanta força antes. Praticamente percebia as trevas se fundindo dentro dele, fervilhando, crescendo como um vulcão prestes a entrar em erupção. Causou-me surpresa ver sua capacidade de contê-las.

– Ah, faz várias semanas, pelo menos. Devo admitir que estou satisfeito com o resultado. Tudo indica que a oferta despertou o interesse de muitos homens poderosos. Eu me empenhei muito em alimentar o desejo deles de desposar a filha de meu famigerado conselheiro militar. O fato de tantos deles estarem presentes hoje é um tributo à nossa reputação mútua e às suas incursões em nome de meu reino, meu amigo. Para não mencionar os boatos verdadeiros e conhecidos por todos acerca de sua beleza, minha querida.

O rei acrescentou essa última parte tentando me bajular, mas suas palavras me deram calafrios. Eu sabia que nada convenceria meu pai a me casar com alguém, nem mesmo um homem do qual ele possivelmente tivesse algo a ganhar. O fato era que eu pertencia a ele, que não tinha a menor intenção de me deixar partir. Isso ficara muito claro ao longo dos anos.

Finalmente, meu pai se pronunciou. Com um sorriso dissimulado, disse:

– É uma imensa satisfação sermos úteis à casa real. Minha filha ficaria... honrada em conhecer os pretendentes que o senhor trouxe ao nosso reino.

Não ignorei o "nosso" que meu pai usou para se referir ao reino, mas, fora isso, o que ele disse me causou perplexidade. Ao ver que ele não encontrara uma forma inteligente mas educada de rejeitar a oferta do rei, não pude deixar de me perguntar qual seria sua estratégia.

É claro que ele poderia ter argumentado que eu era jovem demais, que era a única mulher para cuidar da casa desde que minha querida mãe falecera – mentira em que alguém ingênuo como o rei facilmente acreditaria – ou que não era o melhor momento. Até mesmo eu seria capaz de pensar em vários motivos para racionalizar uma rejeição discreta à oferta do rei.

Talvez meu pai simplesmente não quisesse deixar o rei constrangido. Pode ser que tivesse sido pego de surpresa e ainda não houvesse pensado em uma alternativa. Arrisquei uma olhada ao homem de pé ao meu lado e vi que ele estava novamente controlado, bancando o diplomata enquanto examinava cada um dos pretendentes. O poder crescente que eu havia sentido diminuíra, ocultando-se de todos, com exceção dos mais perspicazes.

Por mais que eu tentasse impedir que desabrochasse em meu coração uma esperança de que a oferta do rei viesse a se concretizar, isso aconteceu. Mesmo os homens mais vis presentes na festa eram melhores alternativas do que continuar com meu pai. Bastaria um descuido da segurança, um instante de despreocupação, um fragmento de confiança, e eu fugiria com Isha. Talvez esse plano absurdo fosse a minha salvação.

O rei fez o anúncio imediatamente, convidando meu pai e eu a ficarmos de pé ao lado dele na tribuna.

– Meus amigos, aproximem-se! Como todos sabem, eu não fui abençoado com filhos e não tenho um sucessor real. Mas isso não quer dizer que meu

reino seja desprovido de joias preciosas. Com efeito, meu inteligente e mais leal conselheiro militar tem uma filha mais adorável que uma deusa, e ele gentilmente me cedeu a oportunidade de oferecê-la em casamento como se eu mesmo fosse seu pai. O que buscamos é uma união, uma combinação perfeita. Ela deseja se unir ao noivo adequado, é claro, porém se tratará de uma fusão não apenas de pessoas, mas de nações, de poder e de riquezas. Venham! Vejam mais de perto. Seu decoro é impecável. Sua inocência e sua juventude permitirão que o marido a molde ao tipo de companheira que lhe seja mais apropriado. Ela será uma esposa mais perfeita do que vocês jamais sonharam.

O rei ficou de pé e deu uma volta ao meu redor. Relutante, meu pai soltou meu braço. Ser exibida assim era humilhante, mas era ainda pior saber que meu pai encontraria alguma forma de me culpar pelos atos do rei. Não somente me daria uma surra severa como em hipótese alguma deixaria a cidade. Ao menos enquanto meu futuro estivesse incerto.

Apreciando o fato de ser o centro das atenções, o rei prosseguiu com um floreio. Cada frase sua agitava ainda mais a multidão:

– Em verdade, nunca vi uma flor de tamanha beleza. É uma joia tão rara quanto preciosa. Posso afirmar isso pois sou um dos poucos privilegiados que já a viram sem o véu.

Nesse momento, meu pai olhou para mim com os olhos faiscantes como lâminas afiadas. Desde muito tempo ele insistia que eu usasse o véu em público e eu sempre havia obedecido. O rei nunca tivera a oportunidade de ver meu rosto – ou ao menos isso era o que eu acreditava. O único lugar em que ficava sem véu era nos meus aposentos.

– Preciso confessar, meu amigo. – O rei deu uns tapinhas nas costas de meu pai. – Eu estava passando pela sua residência e vi sua filha pela janela aberta, o rosto radiante iluminado pelo luar. Fiquei cativado por suas lindas feições.

Senti o coração pesar. Geralmente eu tinha todo o cuidado para me esconder do mundo exterior, mas, na lua cheia, uns meses atrás, eu não estava conseguindo dormir. Fazia calor e fui em silêncio até a janela, deixando que a brisa amena e a luz fria da lua banhassem minha pele quente. Deve ter sido nessa ocasião que o rei me viu.

Agora, graças à confissão do rei, eu seria transferida. Não haveria mais flores porque não haveria mais janelas. Isha e eu seríamos instaladas em alguma masmorra fechada, sem luz, sem ar, sem sequer um vislumbre do mundo lá fora.

Abatida, continuei prestando apenas um mínimo de atenção ao rei.

– Embora eu seja um homem velho – disse ele –, ainda assim fiquei encantado com sua enorme beleza. Meu conselheiro militar a manteve todos esses anos somente para si, mas ocultar este tesouro do mundo é um crime. Assim, hoje meu presente para vocês será permitir que partilhem do esplendor de meu palácio, apreciem os frutos suculentos de meu jardim e se deleitem com a perfeição de nossas mulheres.

Eu não sabia o que o rei ia fazer até que eu o notei atrás de mim. Meio sem jeito, ele arrancou meu véu, descobrindo meu rosto. Os grampos foram puxados dolorosamente dos meus cabelos, e várias mechas pretas e compridas caíram soltas junto com o véu dourado. Eu me senti nua e exposta, mas fiquei firme, sabendo instintivamente que tentar me esconder não seria a coisa certa a fazer.

Por alguma razão, meu pai permitira aquilo. Talvez fosse para me ensinar uma lição ou para me colocar em meu lugar. Qualquer que fosse o motivo, senti a necessidade de me proteger e, no que dizia respeito a meu pai, proteção significava somente uma coisa. Assim, endireitei os ombros, adotei uma expressão impassível e baixei o olhar.

O rei pôs a mão sob meu queixo e ergueu minha cabeça.

– Permita que todos a vejam, minha querida.

Eu lhe dei um sorriso educado e olhei em volta, para as pessoas que me encaravam. Pude ouvir alguns arquejos. Vários homens me lançaram olhares maliciosos e algumas mulheres me observaram com evidente inveja. Outros ainda me fitavam com pena ou me examinavam da cabeça aos pés de forma fria e calculista. Contudo, qualquer que fosse a reação de cada um, parecia não haver uma alma no salão que não tivesse os olhos fixos em mim.

Mas então a encontrei. Um único homem estava no fundo do salão, de pé, observando a estátua da deusa Durga. Ele segurava um prato cheio e estava de costas para nós enquanto comia, aparentando total desinteresse no anúncio

do rei.

O homem era jovem – talvez apenas poucos anos mais velho do que eu. Vestia um casaco preto com detalhes dourados que acentuavam seus ombros fortes e sua cintura estreita. Os cabelos cheios, na altura dos ombros, tinham cachos nas pontas, e me surpreendi ao perceber que queria ver seu rosto. *Por que um homem viria à celebração se não quisesse participar dela?* Talvez não tivesse interesse em arrumar uma noiva. Quando ele tocou exatamente no mesmo ponto da mão da deusa em que eu havia tocado antes, minha curiosidade se aguçou. *Quem era ele?*

– Aí está. Eu não disse que ela era linda? – perguntou o rei abertamente.

– De tirar o fôlego – murmurou um homem que me olhava de forma lasciva e me lançou um sorriso sugestivo.

– Adorável – acrescentou um senhor mais velho que se aproximou, se apresentou a meu pai e lembrou ao rei quem era.

Ele parecia gentil. Talvez estivesse se oferecendo como noivo.

Eu nunca me permitira considerar a possibilidade de ter a chance de me casar com um homem jovem e bonito, alguém que eu pudesse amar e em quem pudesse vir a confiar. Para os meus objetivos, um homem mais velho talvez fosse uma escolha melhor, pois provavelmente seria mais fácil escapar dele. Quando um cavalheiro mais maduro olhou em minha direção, eu lhe dei um sorriso tímido.

Meu pai estava ocupado e não viu, mas Hajari, sim, e eu sabia que teria que prestar contas depois. Talvez pudesse conseguir me salvar com alguns sorrisos cautelosos e um pouco de interesse fingido. Quando o rei me apresentou formalmente ao velho sultão, criei coragem e perguntei se ele gostaria de me fazer companhia.

Ele ficou encantado e ofereceu o braço para me acompanhar até as mesas do bufê. O rei nos observou com orgulho. Eu não ousei olhar para meu pai. Infelizmente, meu segurança nos seguia de perto.

– Não ligue para Hajari, o meu guarda – falei. – Meu pai me ama cegamente e sempre zela pela minha segurança.

– Claro, eu compreendo – respondeu o homem bem-vestido. Enquanto enchia um prato para nós dois, ele perguntou: – A senhorita gostaria de morar

à beira-mar?

– O senhor mora em Mumbai? – perguntei atenciosamente.

– Não, moro em Mahabalipuram. Já ouviu falar de minha cidade?

– Confesso que não.

– Nossa cidade é agitada, com um porto bem movimentado. Fazemos comércio com muitas terras distantes e temos vários artesãos e escultores que embelezam nossos templos e santuários. Talvez devesse considerar nos fazer uma visita.

– Ela não gostaria de morar numa cidade de marinheiros rudes, Devanand. O lugar dela é numa cidade bela. Permita-me me apresentar, minha jovem. Meu nome é Vikram Pillai.

– Ora, você é um mercador! Seu título foi comprado. Eu tenho sangue real! – disse Devanand.

– Seu sangue é velho. Ela precisa de um noivo capaz de caminhar sem ajuda.

– Como se atreve?! Por favor, querida, não dê ouvidos às tolices dele. Uma jovem inocente e cheia de viço como a senhorita não deve ser submetida a essas perturbações inadequadas.

– A juventude dela é a grande questão. Eu sou um pretendente muito melhor. E tenho muita riqueza a oferecer. Ninguém possui caravanas de comércio mais lucrativas do que as minhas.

– Você pode ter mais dinheiro à sua disposição, mas não se esqueça de que eu possuo uma frota. Uma aliança com meu reino seria uma decisão muito mais sábia.

– Isso é o que veremos!

– Pode ter certeza disso!

Senti-me grata quando o homem mais jovem de bigode caído nos deixou em paz, mas ele não foi o único a nos interromper. Vários homens nos cercaram, cada um disputando a minha atenção e oferecendo riquezas, terras, títulos, coisas inimagináveis em troca da minha mão. Era sufocante. O pouco de comida que eu conseguira pegar de nosso prato em comum logo se transformou em cinza em minha boca. Uma mão agarrou meu braço e me puxou para fora do círculo de um jeito não muito delicado.

– Cavalheiros, minha filha retornará em alguns instantes. Por favor, permitam-me conversar com ela em particular um momento.

Meu pai segurava meu braço de modo resoluto e exibia uma expressão estranha. Não havia dúvida de que estava irritado com toda aquela situação e considerava o assédio dos homens de muito mau gosto. Mas, ao mesmo tempo, por trás de seu olhar havia algo, um prazer inexplicável que fez meu sangue gelar.

Ele meneou a cabeça, cumprimentando alguém que passava, e esperou até ficarmos a sós. Então disse, em voz baixa:

– O rei gentilmente nos convidou – o sarcasmo escorrendo das palavras – a passarmos a noite aqui. Você vai se retirar para a ala das mulheres. Assim que o rei der boa-noite aos convidados, Hajari a acompanhará até os portões externos. Quero que se comporte com o decoro que eu espero e, de manhã, eu a mandarei chamar. Se eu descobrir qualquer coisa, o que quer que seja, no seu comportamento que eu considere inadequado ou que não seja de meu agrado, Isha sofrerá horrivelmente. Estou sendo claro?

– Sim, pai.

– Muito bem. Agora, cubra o rosto. Os homens já a observaram o suficiente por hoje.

– Claro.

Imediatamente voltei a prender o véu e, quando estava do agrado de meu pai, ele me deixou de novo a sós com Hajari, que sussurrou no meu ouvido:

– Você pensa que esta é sua chance de ir embora, mas não vai a lugar algum. Está se exibindo por aí como se fosse o grande prêmio do rei, mas nós dois sabemos que não passa de um brinquedinho. Uma pequena boneca quebrada. – Hajari se arriscou a passar a mão pelo meu braço. Fiquei rígida, mas não disse nada. – Eu sei algo que todos esses homens não sabem. Você bem que gosta de apanhar. Um dia, quando seu pai não estiver de olho, vou lhe mostrar como é que se brinca de verdade.

Felizmente, outro pretendente apareceu naquele momento e Hajari se afastou. Passei o resto da noite ocupada, de braços dados com vários homens que tentavam me conquistar de um jeito ou de outro, embora todos soubéssemos que a decisão estava nas mãos do rei e de meu pai, não nas

minhas. Se eu pudesse escolher, provavelmente ficaria com Devanand. A ideia de que Isha e eu pudéssemos desaparecer em um navio rumo a uma terra distante era sedutora.

Ao longo da noite, em algumas ocasiões vi de relance o estranho que vagava pelo salão, sempre em silêncio. Não havia dúvida de que fosse um guerreiro. Sua constituição forte e seus trejeitos deixavam isso óbvio. A certa altura, uma serviçal que carregava uma bandeja com frutas fatiadas tropeçou e ele não só segurou a bandeja como ajudou a mulher a se equilibrar. Naquele momento, ele se virou e perdi o fôlego. Era o homem mais lindo que eu já tinha visto.

Novamente de braços dados com Devanand, perguntei com cautela:

– Quem é aquele jovem? O que está ali, vestido de preto.

– Onde?

– O que está conversando com Vikram Pillai – murmurei.

– Ah, é o filho mais jovem de Rajaram.

– Rajaram? – indaguei.

– É. O irmão dele é o herdeiro do trono, então ele não seria um bom pretendente para a senhorita, se é isso o que está pensando. Mas não me surpreende que tenha perguntado. Ele é jovem e imagino que uma moça como a senhorita o considere atraente.

Rapidamente dei palmadinhas no braço do rei de Mahabalipuram e reforcei sua autoestima.

– De maneira alguma. Eu apenas não fui apresentada a ele ainda.

– É pouco provável que ele se case antes do irmão. Talvez tenha vindo negociar a mão do irmão em seu lugar.

– Isso não foi mencionado. Além do mais, ele é muito jovem, e pode ser mais conveniente para mim desposar alguém com mais experiência. Um homem de mais idade pode me ajudar a navegar pelas águas conturbadas da juventude. Não concorda?

Ele riu, satisfeito com minha referência à cidade dele, e me apresentou a outros homens que considerava seus aliados.

Finalmente as festividades foram concluídas e aqueles que passariam a noite no palácio foram acompanhados até seus respectivos aposentos para

descansar. Hajari e eu seguimos uma serviçal que nos conduziu ao longo de uma série de corredores compridos. Estava tarde e a lua cheia projetava sua doce luminosidade sobre nós. A cada poucos passos, um portal descoberto permitia que a brisa amena da noite agitasse minhas saias.

Quando chegamos a um portão duplo minuciosamente entalhado, a serviçal se inclinou em reverência e o abriu, indicando que eu devia entrar. Hajari estreitou os olhos, como numa advertência, mas não disse nada. Após as portas se fecharem atrás de mim, bloqueando a visão do guarda de meu pai, dei um suspiro de alívio e segui a serviçal.

Ela me conduziu até um quarto espaçoso, com uma cama enorme. Um banho havia sido preparado e ela ficou para me ajudar. Uma camisola fora deixada para mim, e, quando eu já estava à vontade, a serviçal partiu. Fiquei sozinha. Realmente sozinha. Não sabia o que aconteceria comigo quando o sol nascesse na manhã seguinte, mas, por ora, estava fora de perigo.

Sem conseguir dormir apesar de estar exausta, me levantei da cama e fui até a sacada. A lua estava mais baixa, mas calculei que havia se passado apenas uma hora desde que eu fora me recolher. A brisa suave trazia o aroma de jasmins e ouvi o som inconfundível de água. Uma série de degraus ligava a sacada a um andar superior, e de repente percebi que o jardim suspenso do rei poderia estar a poucos passos de distância.

Olhando à minha volta, me tornei invisível e, oculta e guiada pela luz do luar, adentrei a noite.

# 3



# Rubor

Seguindo o barulho de água, subi a escada silenciosamente. Havia guardas no parapeito, mas eles nem sequer se viraram na minha direção. O cascalho sob os meus pés e a brisa na pele fizeram com que me sentisse viva. Meu coração acelerou quando cheguei ao andar em que os guardas estavam. Explorando um pouco, encontrei outra escada não muito longe de onde a primeira terminava. Ao lado dela, uma pequena cachoeira descia pelo muro. Eu sabia que a água devia vir do jardim suspenso, então continuei subindo.

Agora três andares acima dos meus aposentos, parei numa ampla sacada e avistei a cidade iluminada pelo luar. A maioria dos lampiões já havia sido apagada, mas restavam várias luzes que emanavam de tochas, fogueiras e velas ao redor das construções da cidade, fazendo com que as estruturas escuras abaixo de mim parecessem iluminadas por vaga-lumes. Por mais linda que a vista fosse, eu estava procurando outra coisa.

Caminhei em silêncio pelo corredor, mas não encontrei mais escadas. Em vez disso, havia apenas várias portas. Nervosa para testá-las, coloquei a mão em cada uma delas e escutei atentamente antes de abri-las. A primeira porta tinha uma escada que levava para um andar inferior. A segunda guardava diversas armas – flechas, arcos, escudos e lanças. A terceira era a mais pesada e se abriu com um rangido alto. Fiquei paralisada, torcendo para que ninguém tivesse escutado.

Como não houve nenhum sinal que denunciasse botas pesadas vindo em minha direção, esgueirei-me pela entrada escura e encontrei outra escada que ia para cima. Hesitei por um instante, pensando que poderia perder o caminho de volta, mas meu desejo de ver o jardim me fez seguir em frente. Subi um degrau após outro até sair na entrada de um túnel. A luz da lua e o aroma de água e vegetação me atraíram.

Avancei rapidamente e, passando por um portal aberto, entrei no paraíso. Durante o dia, o jardim devia ser impressionante, mas à noite, iluminado somente pelas estrelas e pelo luar, era mágico. Cada nicho escuro sussurrava segredos, esperando que eu os desvendasse.

Segundo os boatos, o rei cortejara sua já falecida noiva caminhando por aquelas trilhas bem cuidadas, entre o murmúrio da folhagem. Era fácil imaginar um casal apaixonado passeando por sob as árvores, aproveitando a encantadora privacidade que ofereciam.

Adentrando mais no jardim, notei os largos pilares de pedra que sustentavam camada sobre camada de folhagens, que se elevavam acima de mim em degraus, como num teatro. À esquerda havia um terraço com vários níveis nos quais se entrelaçavam delicadas heras. À direita havia uma galeria de arte viva, com portais que conduziam a outros níveis.

Em cada nível havia estátuas, fontes de água, torres de plantas suspensas e até mesmo esculturas vivas feitas de arbustos. Embora não houvesse tochas para iluminar o ambiente. os raios do luar atravessavam as copas e eu conseguia observar quase todos os detalhes.

Uma passarela de pedra parecia abranger todo o jardim. Em volta dela havia terra mexida recentemente, escura e rica em nutrientes. Abaixei-me e mergulhei a mão na matéria macia. Não encontrei a base de pedra que suportaria tanto peso, mas, a julgar pelo tamanho das árvores – as maiores chegavam a ter troncos mais largos do que a minha altura –, a laje que sustentava o jardim devia ser muito grossa, de uns seis metros de espessura ou mais.

No centro do jardim havia uma fonte colossal, tão imponente que fiquei quase uma hora passando as mãos pelas figuras entalhadas e pela água. Curiosa, segui a trilha do córrego. Parecia que uma série de aquedutos levava

a água até o telhado da cidadela usando dezenas de cisternas que recebiam a água do rio.

Todos os níveis eram ligeiramente inclinados, o que permitia que a água fluísse para baixo, irrigando todo o jardim. A que não era usada no jardim retornava para o rio após descer pela lateral do palácio por uma cachoeira. O projeto era genial.

Árvores imensas se erguiam bem acima dos muros do palácio, me dando a impressão de estar no topo de uma grande montanha. Examinei brotos minúsculos e delicados, úmidos por causa do orvalho da noite, puxei um pequenino botão e o coloquei atrás da orelha, admirei uma seção de novas mudas que o jardineiro acabara de plantar.

A brisa morna da noite levantava as folhas das árvores, fazendo-as dançar, sussurrantes, como se estivessem vivas. O som despertava meus sentidos. Caminhei por um labirinto de vários andares, emergindo num pomar de árvores perfeitas, repletas de frutas de todos os tipos.

Além dele havia uma pequena campina verde e viçosa – o lugar perfeito para um piquenique. Seria muito romântico jantar ali, à sombra de uma árvore, apreciando o murmúrio da fonte e a vista da cidade. Deitei-me na grama, com as mãos atrás da cabeça, e observei as incontáveis constelações que preenchiam o céu noturno, pensando que, se a sorte sorrisse para mim, talvez logo tivesse essa mesma visão deitada no deque de um navio que levaria a mim e a Isha para outro país.

Com vontade de explorar mais, me levantei da grama macia e continuei. As flores pareciam brotar de cada pedacinho de terra. Colhi uma calêndula laranja e a joguei no córrego, rindo baixinho enquanto a acompanhava. A pequena flor ondulou e dançou até eu chegar à beirada do jardim, onde ela passou por cima do muro e desapareceu.

Essa parte do jardim ficava na altura do muro que o circundava e eu podia ter uma clara visão das fortificações da cidadela e dos soldados que montavam guarda. Sem querer ir embora mas sabendo que devia voltar à minha cama, passei lentamente por todos os níveis, absorvendo cada visão, aroma e som. Relutando em continuar, parei novamente ao lado da fonte central e descobri uma planta aquática que eu nunca havia visto.

Parecia um botão de lótus, mas, em vez do habitual rosa ou branco, tinha tons lavanda. Era a flor mais adorável que eu já vira. Tentada a pegá-la da água, pensei que se meu pai a encontrasse em meu quarto descobriria o que eu andara fazendo. Então me pus a examiná-la de todos os ângulos, gravando-a na memória.

Estava tão absorta observando a flor que só ouvi os passos vindo em minha direção quando a pessoa que se aproximava já estava quase atrás de mim. Fiquei paralisada e olhei para o meu braço, suspirando de alívio ao perceber que continuava invisível. Ainda assim, a pessoa continuou chegando mais perto e parou pouco antes de se chocar comigo. Mordendo o lábio, eu me afastei com um passo cuidadoso, me encolhendo quando chutei um seixo sem querer.

Ergui os olhos rapidamente e me vi sondando os olhos dourados do homem em quem eu reparara durante a festa, aquele que parecia não estar interessado no anúncio do rei sobre minha disponibilidade para casar. Ele estreitou os olhos e olhou para o seixo que havia rolado. Examinou com cuidado as árvores ao redor. Após um momento, deu um breve suspiro e apoiou as mãos na borda da fonte.

Ficou fitando a água como se tentasse adivinhar seu futuro e pareceu não gostar do que viu. Então notou a flor que eu tinha acabado de soltar, pegou-a e a aproximou do rosto. Aspirou profundamente e soltou um suspiro. O aroma do homem que estava ao meu lado me pareceu mais inebriante que o da flor. Diferentemente dos outros homens lá embaixo, que exalavam o cheiro do álcool que haviam bebido ou do alho que tinham comido, esse tinha aroma de sândalo e grama aquecida pelo sol.

Satisfeito, colocou a flor aquática com cuidado de volta na fonte, onde ela lentamente descreveu um círculo antes de flutuar novamente na direção dele. Era como se houvesse naquele homem algo de magnético que atraía o excepcional botão. De repente, me dei conta de que eu também chegara perigosamente perto de tocá-lo.

Inclinando-me para trás num ângulo estranho de modo a não ser notada, me perguntei quanto tempo ele continuaria dentro do meu espaço pessoal. Como não se moveu imediatamente, eu o observei com cuidado, quase do mesmo

modo que havia feito com o jardim. Era óbvio que era bonito, mas eu já estivera na presença de outros homens bonitos antes, e isso nunca me afetara. Um homem bonito podia ser tão cruel quanto um que fosse feio. Eu já tivera muitas experiências desconfortáveis com homens para confiar num deles simplesmente por sua aparência.

O fato de ser o filho de um imperador significava que era poderoso, mas ele não exibia seu poder de forma óbvia, como meu pai fazia. Isso me fez gostar ainda mais dele. Suas vestimentas eram bem-feitas, mas não ostentavam os adereços que anunciam a todos que quem as usa é um homem rico. Tinha um corpo de guerreiro, não de rei, o que provavelmente significava que seu pai ainda estava vivo e, além do mais, que ele era corajoso, alguém que ficava ao lado de seus soldados, não atrás deles.

Suas feições não eram como as dos homens que já haviam cruzado o meu caminho. O formato do rosto e da boca era de alguma maneira diferente, e os olhos dourados com pequenas linhas ferrugem, da cor da hena recém-preparada, eram tão incomuns que se tornavam marcantes. Ele era exótico e raro como a flor que eu acabara de descobrir – um homem encantador e fascinante.

Era um soldado, mas mesmo assim parecia apreciar as coisas belas. Ainda que fosse o herdeiro de um grande império, ali estava ele sozinho, sem guarda-costas ou séquito. Não havia ninguém para se curvar a seus pés ou lhe fazer uma reverência. Era um príncipe e genuíno, atraente, que parecia não se importar com festas, diplomacia ou mulheres. E, enquanto a maioria dos outros recriminaria um empregado que fosse descuidado, ele não só foi bondoso como ajudou a serviçal – uma atitude que poucos homens que eu conhecia seriam capazes de tomar, ainda mais por alguém que considerassem de status inferior.

Vendo-o passar os dedos sobre o laguinho de carpas ornamentais, tive que me conter para não fazer barulho quando ri dos peixinhos esfomeados pondo a cabeça para fora da água e abrindo a boca como se estivessem suplicando. Estavam com fome e procuravam o alimento que achavam que ele ofereceria.

– Desculpem, eu não trouxe pão – disse ele. – Se soubesse que estariam aqui, teria trazido.

Minha diversão foi substituída por outra coisa, algo morno, uma sensação que eu não conseguia descrever. Meu rosto ficou quente e, silenciosamente, apertei as mãos contra as bochechas. Surpresa, percebi que estava corando apenas por estar na presença dele. Meu coração bateu mais forte quando olhei para seu rosto com o mesmo apetite dos peixes coloridos. Era impossível deixar de fitá-lo, até que o vi franzir as sobrancelhas, confuso, e se voltar na minha direção.

– O que foi? – perguntou. – Que etérea criatura vocês descobriram?

Olhei para o cardume inquieto e cobri a boca, horrorizada ao constatar que os peixes haviam deixado de lado o jovem bonito e se voltado na minha direção. Qualquer que fosse o encanto que me tornava invisível aos demais não funcionava com eles. Enquanto abriam e fechavam a boca e se aproximavam, o rapaz deu um passo na minha direção. Nesse instante, ouviu-se a voz de um homem:

– Aí está você. Obrigado por concordar em se encontrar comigo.

O jovem príncipe parou; seu corpo inteiro ficou rígido quando ele se voltou para cumprimentar quem chegava. Meu pai entrou na clareira em volta da fonte a passos largos e confiantes, usando a máscara de uma versão anterior de si mesmo, mais moço que a do sábio diplomata que ele normalmente preferia usar. Esta ele só usava quando se reunia com pessoas muito mais jovens do que ele.

Não ficava diferente a ponto de a maioria das pessoas conseguir perceber. Aliás, eu parecia ser a única que via meu pai em sua real aparência: um corpo decrépito, esquelético, tão carcomido por fora quanto era podre por dentro. *O que ele poderia querer com este jovem?* Embora meu instinto me mandasse fugir o mais depressa possível, outra parte de mim queria ficar, me colocar entre o homem lindo e desconhecido e meu pai, protegê-lo como eu fizera com Isha.

O jovem respondeu:

– A sua... *convocação* não me deu margem para recusar seu pedido.

– E por que você faria isso? Eu lhe garanto que este diálogo será de vital importância para o futuro de nossos dois reinos. – Meu pai deu um sorriso afável que me deixou paralisada no lugar onde estava. – Permita que eu me

apresente de maneira apropriada. – Ele se inclinou e estendeu a mão, num gesto de boas intenções. – Meu nome é Lokesh.

O jovem ignorou a mão estendida.

– Eu sei quem você é.

– Ah, vejo que a minha reputação me precede.

– Sem dúvida. Ainda que eu espere que não passe de um exagero, tenho a impressão de que não é o caso.

– Tsc. Estou certo de que um guerreiro como você sabe que uma reputação reconhecidamente terrível pode favorecer seu portador tanto quanto uma espada de qualidade. Se não mais.

Cruzando os braços sobre o peito forte, o estranho respondeu:

– Sei. Também sei que o tipo de homem disposto a se permitir uma reputação como essa, seja ela verdadeira ou não, é alguém em quem eu não confiaria.

Lokesh riu. Eu nunca o ouvira rir antes, nem mesmo esse riso fingido, e sua reação parecia mesmo genuína. Por algum motivo, a resposta do desconhecido encantara meu pai. O nervosismo que eu sentia em relação à segurança do jovem se intensificou muito.

– Que esperto. Eu não esperaria menos de um Rajaram.

O jovem estreitou os olhos.

– Sinto que meu tempo aqui foi desperdiçado. Havíamos sido informados de que esta reunião diria respeito às negociações de um tratado, mas em vez disso vejo que fui convidado para uma festa de mulheres no jardim, onde fui obrigado a observar pavões que circulam por aí, emperiquitados, ostentando sua riqueza, saltitando e se bajulando, parabenizando-se mutuamente pela quantidade de ouro guardada em seus cofres. Já está ficando tarde e, como tenho a intenção de partir ao amanhecer, prefiro me retirar para os meus aposentos pelas poucas horas que ainda me restam de descanso. Se quiser discutir nosso recente desentendimento, sugiro que faça isso. Caso contrário, peço licença para ir embora.

Os olhos de Lokesh faiscaram.

– Kishan... Posso chamá-lo assim? – Meu pai não esperou pela aprovação e prosseguiu: – Posso lhe garantir que os... pequenos atritos recentes entre

nossos soldados, por mais triviais que tenham sido, têm ocupado minha mente. O fato de nossos dois reinos terem entrado em conflito me perturba, e sinto que devo tentar convencê-lo de que eu de forma alguma instiguei essas ações traiçoeiras.

O estranho não disse nada, mas seus punhos se cerraram e os músculos de seus braços se contraíram. Ele claramente não acreditava nas mentiras que transbordavam dos lábios de meu pai, ao menos não totalmente. Eu não sabia bem o que Lokesh andara fazendo em todas as suas viagens secretas, mas agora estava claro que ele tinha objetivos maliciosos em relação a este jovem e sua família. O medo que senti por ele quase me asfixiou. Meu corpo tremeu e minha respiração oscilou.

– Não, Kishan. Meu objetivo hoje é o de pôr fim a qualquer aborrecimento e construir uma ponte entre nossos povos.

– E como propõe que façamos isso? – perguntou o estranho.

Dando um passo à frente e erguendo a mão de modo a parecer suplicante para o estrangeiro – embora da minha perspectiva parecesse obviamente ameaçador –, ele respondeu:

– Criando uma aliança entre as nossas famílias.

# 4



# A isca

Não pude evitar e deixei escapar um arquejo leve e involuntário. Felizmente, nem meu pai nem o jovem o ouviram por causa do murmúrio da fonte.

– O que quer dizer com isso? – perguntou o jovem.

Ele tinha o direito de ficar desconfiado. O que quer que meu pai estivesse planejando não terminaria bem para nenhum dos envolvidos.

Lokesh se virou e aproximou-se da fonte, permitindo que a água molhasse seus dedos.

– Certamente está ciente do anúncio que o rei fez hoje.

– De que sua filha está disponível para se casar? O que tem isso?

Uma parte de mim ficou magoada com o comentário do jovem. Racionalizei esse sentimento lembrando a mim mesma que eu não estava procurando um pretendente. O melhor para mim e para Isha seria que eu me casasse com um homem que morasse longe de meu pai, num lugar remoto que me permitisse escapar. Isso seria fácil com o rei de Mahabalipuram, mas eu suspeitava que abandonar um homem como este desconhecido seria muito mais difícil. Ainda assim, ouvir sua indiferença feriu meu orgulho feminino.

Eu sempre soubera que era bonita. Isha repetia isso diariamente e eu recebia atenção suficiente dos homens que passavam por nossa casa para me sentir confiante em relação à minha aparência. Mas, pela primeira vez na vida, me

senti... desinteressante. A ideia de que o jovem que eu achara tão fascinante não me achava atraente doeu.

Meu pai prosseguiu:

– Talvez você não saiba, mas o anúncio de hoje não foi planejado. O rei quer usar a minha filha para ampliar sua influência, porém, já que ela é o único vínculo que me resta com minha falecida mulher, deve imaginar que a declaração a respeito de sua disponibilidade para se casar me deixou um pouco preocupado.

Estreitei os olhos quando ouvi a menção à minha mãe. Isha me revelara há muito tempo suas suspeitas a respeito da morte de minha mãe. Contou que ela não havia morrido no parto, como meu pai levara todos a acreditar. A amiga dela, a parteira, falara com Isha poucas horas após meu nascimento e informara que mãe e filha passavam bem.

Quando voltou para ver como estávamos, foi anunciada a morte de minha mãe e a parteira desapareceu. Isha acreditava piamente que meu pai havia se livrado das duas. Tendo presenciado em primeira mão seu temperamento, eu não tinha dúvida de que ele era capaz daquilo. Se eu achasse que conseguiria matá-lo, eu teria feito isso há muito tempo. Então o lindo jovem falou, me despertando dos meus pensamentos de vingança.

– O que isso tem a ver comigo? – perguntou ele.

Meu pai passou os dedos na água, para a frente e para trás, e notei que todos os peixes desapareceram. Pararam de suplicar e rapidamente se refugiaram no lugar mais distante do laguinho. *Será que eles sentiram algo quando meu pai tocou na água? Ou talvez ele tenha usado seu poder para afastá-los*, pensei. Mordi o lábio, tão concentrada nas palavras que meu pai diria a seguir que mal conseguia respirar.

– Pensei que talvez pudéssemos chegar a um acordo vantajoso para nós dois.

– Por exemplo?

– Seu irmão mais velho... Dhiren, não é? Ouvi dizer que ele ainda não escolheu uma noiva.

– Ele ainda é jovem. Além do mais, está ocupado demais defendendo nossas terras dos seus... pequenos atritos.

Meu pai olhou brevemente para o estranho e seus lábios se curvaram ligeiramente ao ouvir esse comentário.

– Não seria melhor que seu irmão voltasse a desempenhar seus deveres em casa? – indagou Lokesh com um sorriso astuto. – Que esquecesse a guerra e as disputas por territórios e se dedicasse a ser o imperador que está destinado a se tornar? Com a rainha apropriada a seu lado, ele poderia assumir o lugar que lhe cabe e ter filhos para governar em seu lugar.

– Deixe-me adivinhar: quer que a sua filha seja a rainha.

– Ela é linda. Obediente. Recatada. Além do mais, o rei garante seu dote. – Ele se inclinou para a frente e baixou a voz: – E, cá entre nós, com minha filha no trono, eu ficaria satisfeito se um dia meus netos governassem ambos os reinos. As disputas de território, sem sentido, cessariam e nossos reinos iriam prosperar de forma mutuamente satisfatória.

O jovem esfregou o maxilar e eu ouvi a mão roçar a barba que começava a crescer. Senti vontade de gritar para ele que não se deixasse levar pelas palavras de meu pai, de exclamar que Lokesh jamais cumpria suas promessas. Que somente ficar ali e lhe dar ouvidos já era perigoso. Mas não disse nada e esfreguei minhas mãos invisíveis, desesperada para saber mais sobre esse futuro que ele planejara para mim. O fato de Lokesh não permitir que eu me casasse com alguém que o rei escolhesse não me surpreendia, mas eu havia deixado brotar uma ponta de esperança e, como previsto, meu pai a arrancara antes mesmo do fim da noite.

Então meu trapaceiro pai acrescentou:

– É claro que, quando chegar esse momento, você estará livre para ir atrás de seus próprios objetivos. Talvez encontre uma mulher com riquezas que lhe permitam comprar uma pequena propriedade. Naturalmente, como segundo filho, deve receber uma parte da fortuna de seu pai para se estabelecer. Se tiver um bom começo, pode até ter um bom futuro. Você nunca estará à altura de seu irmão, é claro, mas ser o segundo melhor não é vergonha nenhuma. E tenho certeza de que os herdeiros reais, filhos de minha filha, gostarão de se encontrar com o tio, se ele se dignar a fazer uma visita de tempos em tempos.

Enquanto Lokesh falava, o jovem foi ficando com as costas mais eretas. Sua

fúria era evidente. Eu e meu pai podíamos ver. A manipulação era uma de suas habilidades, e a única forma de contorná-la era fingir que o que ele dizia não nos afetava. Novamente tive vontade de sair em defesa do jovem, mas não havia nada que eu pudesse fazer. Meu pai tinha tecido sua teia de manipulação em torno dele com a destreza de uma aranha, e eu praticamente conseguia escutar o ego do belo estranho estalando à medida que os fios ficavam cada vez mais apertados.

– Deve compreender que tenho um forte afeto paterno por minha filha. Para mim, é imprescindível tê-la por perto. Nossas terras fazem fronteira. Por isso, estou disposto a negociar um noivado em nome de nosso rei, mas que fique claro: se minha generosa oferta for rejeitada, não me restará escolha a não ser intensificar as hostilidades entre nossos povos.

– E sente-se à vontade para entregar sua filha àqueles que você considera seus inimigos?

Lokesh passou a língua rapidamente pelos lábios.

– Tenho total confiança em que vocês vão tratá-la com a honra e o respeito que ela merece.

Eu quase ri. Nenhum inimigo ameaçava mais meu bem-estar do que o próprio homem que afirmara sentir por mim um “forte afeto paterno”.

O jovem chamado Kishan deu as costas a meu pai, ficando de frente para mim. Na verdade, estava a poucos centímetros de distância. Uma miríade de emoções atravessou seu rosto enquanto ele ponderava as palavras de meu pai. Eu queria estender a mão e tocar sua testa, alisar as rugas e aliviar o desconforto que meu pai lhe causara. Finalmente, ele disse:

– Irei transmitir sua proposta aos meus pais. Enviaremos uma resposta através de um mensageiro dentro de 14 noites.

Meu pai curvou a cabeça, num falso gesto de boas intenções.

– Que seus cavalos sejam ágeis – declarou.

Então Kishan se retirou e Lokesh observou o estranho se afastar. O silêncio se abateu sobre o jardim. Tudo estava imóvel. Até a brisa cessara. O som de minha respiração de repente parecia alto demais. Passei a mão na testa quente e me concentrei para que minhas pernas invisíveis parassem de doer. Erguendo as mãos, Lokesh invocou seu poder, ato que eu raramente

testemunhara. A água na fonte estalou e congelou, e um gelo esbranquiçado logo cobriu completamente a superfície de pedras da trilha.

Ele rodopiou os braços no ar e um vento forte atravessou o jardim, arrancando flores delicadas dos caules e quebrando galhos de árvores. Então ergueu os braços e o chão tremeu, a fonte congelada rachou, e eu cambaleei e caí. Mordi a língua com força para não gritar. Depois ele apontou as mãos abertas para a frente e faíscas azuis dispararam das pontas de seus dedos, fazendo o tronco de uma árvore próxima escurecer. Em seguida, cerrando subitamente os punhos, recolheu o poder e, com passos determinados, saiu do jardim, dirigindo-se a uma escada diferente da que eu tinha usado.

Esperei bastante tempo antes de voltar para os meus aposentos. Ao chegar lá, lavei bem os pés e fui para a cama, mas o sono não veio. Fiquei apenas olhando para o tênue tecido estendido acima da cama e me preparei para a manhã que viria.

Quando a luz do dia iluminou meu quarto, esperei que meu pai viesse me buscar. Imaginei que ele apareceria imediatamente, mas, como as horas se passavam e nem sequer uma camareira havia entrado no aposento, aventurei-me a sair. Não encontrei ninguém, convidado ou serviçal, até chegar ao saguão principal. Quem estava à minha procura não era meu pai nem seu braço direito, Hajari, mas o rei Devanand, meu suposto pretendente de Mahabalipuram.

– Ah, minha querida. Aconteceu uma tragédia. Uma verdadeira tragédia!

– O que foi? – perguntei enquanto ajustava o véu. – O que aconteceu?

– Não soube?

Fiz que não com a cabeça.

– O rei foi assassinado.

– Será... será possível? – indaguei, já ficando desconfiada. – Como ele morreu? O bandido já foi encontrado?

– Ainda não. Seu pai está investigando.

– Entendo.

– De início, acreditou-se que ele falecera dormindo, mas, quando as mulheres foram preparar o corpo, sua camisola se abriu. Foi então que viram umas marcas negras no peito, perto do coração.

– Marcas negras?

– Sim. A área em torno do coração estava queimada, mas a pele enegrecida não seria o suficiente para matá-lo. Ainda assim, é o bastante para levantar suspeitas.

–E o que está havendo agora? Onde está meu pai?

– Está organizando as tropas. É preciso defender o reino até que um novo rei seja escolhido. Ele teme que um usurpador tente tomar o trono e não quer que isso aconteça.

– É claro.

O sultão deu palmadinhas na minha mão.

– Infelizmente, isso significa que não haverá planos a respeito de seu futuro por agora. Mas quero que saiba que deixei minhas intenções muito claras para seu pai. Ele me assegurou de que eu serei um dos primeiros a saber quando a situação tiver voltado ao normal. Até então, todos os convidados devem retornar para seus domínios com o menor alarde possível.

– Compreendo.

– Ah, aí está o homem de seu pai. Vou deixá-la aos cuidados dele. Até nosso próximo encontro, adorável senhorita.

O nobre apertou minha mão e, relutantemente, me passou para Hajari, que segurou meu braço com força.

– Onde foi que se meteu? – sussurrou ele na minha orelha, irritado.

– Ninguém foi me buscar de manhã – respondi friamente.

– Seu pai está esperando. Venha.

Ele me arrastou pelo saguão e por várias passagens, deleitando-se com a oportunidade de mostrar que estava no comando, embora nós dois soubéssemos que era por pouco tempo. Como não podia deixar de ser, seu comportamento mudou completamente no momento em que entramos no salão onde meu pai estava, rodeado pelos conselheiros do rei falecido. Ao me ver, ele dispensou o grupo.

– Dormiu bem, querida? – indagou gentilmente enquanto os últimos homens saíam e fechavam a porta.

– Sim, pai – respondi com o olhar já treinado fixo em seus pés.

– Imagino que já tenha conhecimento do falecimento do rei – disse ele, e,

pelo tom de voz, eu não soube identificar se era uma pergunta ou uma afirmação.

Achei melhor não dizer nada. Ele esperou alguns segundos e então confirmou o que eu já suspeitava:

– Que trágico, não é? Você certamente tem noção do que isso pode significar para você.

– Que não vou mais me casar, afinal? – arrisquei rapidamente.

– Ah, vai se casar, sim, Yesubai, mas não com o sultão geriátrico que você claramente prefere.

Ele deu meia-volta e caminhou a passos largos até a mesa do rei, onde havia um grande mapa aberto. Pegou um modelo de guerreiro montado num elefante e o transferiu para outro local, atravessando uma grossa linha negra traçada no mapa. O território estava identificado pela palavra Rajaram. Desviei o olhar antes que meu pai se virasse de novo para mim.

– Você deveria se alegrar – disse ele. – Minha intenção é que você se case com alguém muito mais jovem e, depois de um tempo, quando já for rainha, quero que você tire a vida dele. – Estarrecida, ergui o rosto e o flagrei me observando com um brilho diabólico nos olhos. – Para garantir que você cumpra a sua parte nessa pequena encenação, vou manter Isha ao alcance da mão. Você compreende minhas expectativas? – arrematou.

Após piscar para dissipar a umidade dos olhos, assenti ligeiramente com a cabeça.

– Entendo, pai.

– Muito bem. Pode se retirar. Ficaremos morando aqui até os preparativos para o seu noivado.

Levou um mês inteiro até que meu pai – *relutante* – assumisse o trono. Ele manteve Isha afastada de mim para garantir minha obediência. Minhas camareiras eram eficientes porém frias, e Hajari se tornara uma constante ao meu lado. Não me perdia de vista em instante algum. Meu quarto foi considerado um lugar muito fácil de onde se escapar, então fui transferida para novos aposentos. Lá só havia uma porta de acesso e, como todos os dignitários haviam sido mandados embora, meu pai se contentou em me

deixar ali.

Eu fazia as refeições no quarto e tinha direito a dar um passeio por dia dentro dos limites do palácio – mas somente se Hajari estivesse comigo. Como eu sabia que ficar a sós com ele era uma péssima ideia, decidi que era preferível permanecer no quarto. Sem Isha, o único rosto amigável de meu mundo tão limitado, entrei em desespero. Perdi o apetite e mantive as pesadas cortinas fechadas diante da janela gradeada.

Então recebi um convite. A família Rajaram havia considerado a oferta de meu pai, apesar das explícitas ameaças por trás dela, e a própria rainha disse que gostaria de me conhecer para ter certeza de que eu seria uma boa escolha para o filho. Lokesh ficou entusiasmado com a perspectiva. Ele se mantivera ocupado com a administração do reino, mas, quando o mensageiro chegou, ficou ansioso para me contar a novidade e ordenou que eu fosse levada à sua presença. Minha aparência não o agradou.

– Você está doente? – indagou.

– Não, pai.

Ele arrancou rudemente o véu do meu rosto e estreitou os olhos enquanto me segurava pelo queixo e virava minha cabeça de um lado a outro, me examinando. Empurrando-me para fora de seu caminho, encurralou Hajari e o agarrou pela garganta. Os olhos do guarda se arregalaram e ele lutou para respirar, tentando inutilmente afastar a mão de meu pai.

– Você vai se certificar de que ela coma, que os cabelos sejam escovados com óleo até brilharem e que ela não tenha nenhuma marca no rosto nem olheiras. Estou sendo claro?

– Sim, meu rei – arfou Hajari.

– Muito bem. – Ele soltou o serviçal e acrescentou: – Ela parte daqui a três dias. Assegure-se de que esteja pronta. Quero que se apresente adornada como uma princesa. Agora vá. Preciso falar com ela a sós.

Hajari, com o pescoço vermelho e inchado, se retirou sem uma palavra e fechou a porta.

Meu pai disse:

– Muito bem. Há algumas coisas que precisamos discutir antes da sua partida.

O pavor tomou conta de mim quando avistei o palácio da família Rajaram. Eu viajava no meio de uma grande caravana, numa opulenta carruagem, vestida como se já fosse uma grande rainha. Meu pai não economizara para oferecer seu presentinho letal aos Rajaram. Dentro de um baú repleto de suntuosos vestidos e véus de seda, havia um compartimento secreto com frascos de veneno e pequenas lâminas afiadas que cabiam num bolso.

Eu sabia das consequências se falhasse. Meu pai fora perfeitamente claro. Eu devia agradar Dhiren, o primogênito, desposá-lo, descobrir onde estavam escondidas as relíquias da família, roubá-las e matá-lo. Enquanto aguardava o momento certo, meu dever era espionar a família Rajaram.

Se não fizesse o que meu pai queria, ele iria torturar Isha. Retorci a pequena mecha de cabelos grisalhos de Isha que eu levava no bolso. Ele a dera para mim como um lembrete de que eu tinha que cumprir minha tarefa. Havia sido tão específico quanto aos métodos que usaria para machucar a minha ama de leite que eu não tive dúvida de que ele não somente já fizera aquilo antes como adoraria ter a oportunidade de fazê-lo novamente.

Meu estômago se contraiu dolorosamente quando pensei que concordara em me tornar uma espiã e assassina para o homem depravado e doente que meu pai era, mas as consequências caso eu falhasse eram impensáveis. Eu não podia permitir que minha amada Isha sofresse nas mãos dele. Não sabia se seria capaz de cometer um assassinato para salvá-la, mas não havia dúvida de que eu devia muito a ela por me proteger do facínora. Toda vez que a via mancar, eu me lembrava de que era por culpa minha que ela sofria e continuava trabalhando para ele. Não podia deixá-la sob seu jugo.

Quando chegamos ao palácio, fui apresentada e todas as pessoas que conheci me deram a impressão de serem francas e gentis. Hajari foi comigo e tentou se introduzir como meu “protetor”, mas felizmente o conselheiro militar, um homem astuto que parecia enxergar através do véu e ver os segredos ocultos em meu coração, também designou um de seus homens para me acompanhar. Foi uma decisão sábia. As ações de Hajari ficaram drasticamente limitadas pela presença constante de um soldado dos Rajaram.

Só fui conhecer a rainha Deschen no jantar da primeira noite. Ela era a

elegância em pessoa; me observou do outro lado da mesa, fez perguntas educadas sobre minha casa e minha família e interpretou minhas respostas reticentes como timidez. Depois do jantar, chamou-me a seus aposentos particulares e me convidou a sentar ao seu lado. Mulheres de todas as idades a cercavam e conversavam alegremente enquanto costuravam.

Quando ela viu que eu estava relutante em falar sobre mim mesma, me contou sobre sua família distante, sua terra de origem e seus filhos. O amor que sentia pela família era evidente, assim como o fato de que protegia ferozmente os rapazes. Pareceu surpresa quando fiz perguntas sobre o filho mais novo, mas estava mais do que disposta a contar histórias sobre sua juventude. Eu logo soube que Kishan fora enviado para a fronteira e provavelmente retornaria dentro de um mês. Dhiren ainda demoraria um tempo. Deschen disse que ela queria me conhecer primeiro, antes da decisão quanto ao meu noivado.

Diariamente eu tinha permissão para passear pelo palácio, sempre com meus dois acompanhantes, e passava todas as noites com Deschen. Não demorou muito para que eu passasse a admirar a mãe de Kishan. Ela me fascinou quase tanto quanto o filho. Estava claro que havia um grande amor entre Deschen e o marido. Quando era a hora de se retirarem, o imperador ia buscar a esposa, e os dois, juntos, davam boa-noite a todas as viúvas que ela havia acolhido.

Essas mulheres, cujos maridos haviam morrido na guerra, eram totalmente leais à família Rajaram, e eu achava suas histórias inspiradoras. Pensava se haveria um modo de salvar Isha. Ela seria como uma das mulheres da rainha. Quando estava começando a me sentir em casa e segura, meu pai veio me visitar.

Nesse dia, eu tivera um pesadelo desesperador. Os pelos do meu braço se eriçaram e notei que as venezianas estavam abertas e as cortinas balançavam ao vento. Levantei-me para fechá-las e então ouvi uma voz:

– Você parece bem, querida.

Fiquei imóvel no lugar e, instintivamente, baixei a cabeça.

– Pai – disse.

– Como as coisas estão progredindo? A família a está aceitando?

– Acredito que sim.

– Então o que está demorando tanto? Por que não recebi notícias sobre seu noivado?

– A rainha ainda está me conhecendo. Além do mais, os dois príncipes estão fora.

– Eu sei. Eu os estou mantendo ocupados.

– Mas por quê? Pensei que os quiséssemos aqui.

Ele reagiu tão depressa que me pegou de surpresa. Arremessou-me contra a parede e pressionou o meu pescoço com seu antebraço.

– O que foi que você disse? – perguntou, os olhos escuros reluzindo ao luar.

– Peço perdão – murmurei. – Não tive a intenção de questioná-lo.

– Lembre-se de qual é seu lugar – sibilou ele.

Assenti, me amaldiçoando por ser tão descuidada. O tempo que eu passara longe de meu pai me tornara displicente.

– Eu não preciso explicar minhas ações a você. Ainda assim, se a rainha mencionar as disputas que mantêm os filhos dela ocupados, pode lhe assegurar que você tem influência suficiente sobre seu pai para fazê-las cessarem caso concordem com a união de nossas famílias. Já viu os medalhões que eu pedi que encontrasse?

– Não. Nem a rainha nem o rei os usam. O conselheiro militar não permite que eu ou Hajari andemos pela área do palácio sem a presença de um de seus homens.

– Eu devia ter mandado matar aquele Kadam – resmungou meu pai. Como eu não disse nada, ele deu um passo para trás, finalmente tirando o antebraço de meu pescoço, e disse: – Você sabe por que estou procurando esses medalhões?

– Não – respondi com cautela. – Eu só preciso saber que quer tê-los.

– Isso mesmo. – Parecia satisfeito com minha resposta. Inclinando a cabeça, ele me observou por um instante e então disse: – Talvez, minha querida Yesubai, seja hora de você entender exatamente por que está aqui.

Senti o oxigênio escapar de meus pulmões.

– O que quer dizer?

– Se conhecer minhas motivações, entenderá como pode me servir melhor.

– Voltando-se de costas para mim, uniu as mãos atrás do corpo e começou: – Você é a filha de um homem muito poderoso, e não digo no sentido político. – Ia andando pelo quarto, pegando diversos objetos que pertenciam à família real para vê-los de perto. – Já fui herdeiro do trono de uma grande província numa terra distante daqui. – Voltou a me olhar. – Mesmo após ter matado meu irmão e minha madrasta para ascender ao trono, eu abri mão dele.

Que ele matasse para atingir seus objetivos não me surpreendia, mas abrir mão de um trono, sim.

– Você não queria aquele poder? – indaguei.

– Governar um reino não é ter poder – disse ele com desprezo, me olhando com ar de superioridade. – Este é o verdadeiro poder.

Então puxou uma corrente que levava no pescoço e me mostrou um amuleto quebrado preso à extremidade.

– O que é isso? – perguntei.

– Chama-se Amuleto de Damon.

– Isso é um tigre?

– Como você é esperta, querida. – Passou o polegar sobre o amuleto com uma expressão quase afetuosa. Logo murmurou, como se estivesse absorto em pensamentos: – Muito tempo atrás, houve uma grande batalha que uniu os reinos da Ásia. Havia um demônio que estava assolando as áreas rurais, até que suas atrocidades se tornaram horríveis demais para serem ignoradas. Cinco reinos se aliaram para derrotar o monstro de uma vez por todas.

Meu pai nunca me contara nada sobre seu passado. Quase tudo o que sabia eu aprendera juntando fragmentos que conseguia ouvir aqui e ali. Estava fascinada e aterrorizada ao mesmo tempo.

Ele continuou:

– Na véspera de sua vitória, uma deusa linda e terrível os liderou montada num *tigre* chamado Damon. – Ele sorriu furtivamente e tocou as garras do tigre no medalhão. – Quando o demônio foi finalmente morto, ela deu um pedaço do amuleto de presente para cada reino. Logo se descobriu que cada parte controlava um dos elementos. Diz-se que, se os pedaços do amuleto forem reunidos, seu portador terá o poder da própria deusa.

Isso explicava bastante coisa – as labaredas azuis que eu vira sair de seus

dedos, a água que jorrou da boca do homem que se atreveu a me tocar, os leves tremores de terra quando ele ficava bravo, os fortes ventos que ele invocou no jardim e a morte prematura do rei. Era isso que motivava meu pai. Era isso que ele procurava. E, de alguma forma, um pouco desse poder havia sido transmitido a mim pelo seu sangue. Meus poderes eram o presente de uma deusa.

Ele sorriu como se estivesse seduzindo uma criança com um brinquedo.

– Como pode ver, faltam dois pedaços.

– São esses os pedaços que estou procurando?

– Sim. Quando o amuleto estiver completo, não haverá mais nada ou ninguém que eu não seja capaz de controlar. Serei invencível. E, se você tiver muita sorte, viverá deleitando-se em minha glória. Não será como se você fosse um filho homem, mas eu nunca rejeito novas... oportunidades. – Ele segurou meu queixo com firmeza. – Se ao menos você tivesse um mínimo de fogo no seu sangue...

Um filho? Mas com quem ele...? Deschen. Ela era a mulher que ele desejava.

– Mas Deschen talvez já tenha passado da idade de ter filhos.

– Sim, é uma possibilidade – admitiu. – É por isso que estou considerando a ideia de permitir que você se case com um dos príncipes. Se eu não posso ter um filho para moldá-lo à minha imagem, talvez um neto sirva.

A ideia de que meu pai pudesse se tornar ainda mais poderoso era assombrosa. Tudo fazia sentido. A razão para eu ter sido enviada para o palácio, as disputas com a família Rajaram. Tudo para conseguir os amuletos e separar Deschen de sua família.

Agora que eu conhecia a verdadeira motivação de meu pai, era ainda mais crucial que ocultasse minhas habilidades. Se ele soubesse o que sou capaz de fazer, moldaria a mim e a meus filhos para serem como ele – seres repletos de maldade, homicidas com sede de poder. Quanto mais fraca e dócil eu parecesse, menos ele prestaria atenção em mim, e, desse modo, esperaria que eu participasse de menos atrocidades.

– Você sabe o que eu quero – disse ele. – Tem duas semanas para ou anunciar seu noivado ou encontrar esses medalhões. Eu lhe mandarei um

dedo de Isha numa caixa para cada dia que se passar após esse prazo.

Engolindo meu horror, com os olhos se enchendo de lágrimas de frustração, murmurei:

– Sim, pai.

Quando ergui a vista, ele não estava mais lá.

# 5



# Noiva

Não consegui pegar no sono pelo resto da noite. Ver que meu pai tinha acesso ao palácio tão facilmente me apavorava mais do que eu gostaria de admitir. Entrei em desespero pensando que eu jamais alcançaria um vestígio que fosse de liberdade, que a sombra de meu pai perseguiria a mim e àqueles à minha volta pelo resto da vida.

Ainda assim, saber que ele se esforçara consideravelmente para me infiltrar na residência dos Rajaram significava que devia haver um limite para o que ele era capaz de fazer. O fato de precisar de mim para alcançar seu objetivo era uma indicação de que ele não era todo-poderoso. Talvez, se eu fosse muito cuidadosa e inteligente, pudesse encontrar um jeito de contrariar seus planos, mas uma traição desse tipo sairia muito caro. Para agir contra ele, eu precisava ter certeza absoluta de que seria bem-sucedida.

Ao raiar do sol, vesti-me e procurei Deschen. Embora a conhecesse havia pouco tempo, sentia que ela era confiável e, se existia algo de que eu precisava para derrotar meu pai em seu próprio jogo, era de um aliado à altura.

Fui informada de que ela estava em seu aposento de mulheres e entrei sem bater. Acabei deparando com a rainha envolvida pelos braços do marido. É claro que eu sabia que devia sair imediatamente, mas meus pés ficaram plantados no lugar.

O imperador era um homem bonito, parecido com o filho Kishan, no qual eu vinha pensando havia semanas apesar da minha determinação em contrário. O marido de Deschen exibia seu poder com uma capa sobre os ombros, porém abraçava a esposa com ternura, como se ela fosse uma flor preciosa.

Ela obviamente não tinha medo dele. Aliás, desvencilhou-se de seu abraço quando notou minha presença e não aparentou temer qualquer tipo de represália por rejeitá-lo. Seu marido riu, sem demonstrar raiva quando ela o empurrou com as duas mãos no peito e sem parecer estar remotamente constrangido por ser flagrado abraçando a mulher apaixonadamente. Ele se acomodou atrás dela, passou os braços por sua cintura e perguntou com gentileza se eu havia dormido bem.

Abri a boca para responder, mas nenhuma palavra saiu. Deschen me salvou da situação embaraçosa lembrando-o de que eu era tímida, principalmente com os homens, e dizendo que ele devia parar de me deixar desconfortável e ir procurar algo mais nobre para fazer.

– Está bem, *Hridaya Patni* – respondeu ele carinhosamente.

Com um sorriso, ele deu uma piscadinha para mim, beijou o rosto da esposa, sussurrou algo em seu ouvido que a fez sorrir e saiu do quarto.

Depois que ele partiu e ela se acomodou em sua poltrona preferida, Deschen me convidou a me aproximar. Antes mesmo de dar um passo, falei sem pensar:

– A senhora o ama.

O tom foi quase o de uma acusação.

– Amo. – Ela sorriu. – Isso é tão chocante assim?

Dei alguns passos hesitantes em sua direção.

– Os homens são...

– Os homens são... o quê? – perguntou, segurou minha mão e me puxou delicadamente até eu me sentar numa almofada a seus pés.

Esfreguei as mãos, pensando em como terminar a frase sem ofendê-la. Por fim, disse:

– Os homens não são confiáveis.

Ela riu delicadamente, mas em seguida ficou séria e estudou minha

expressão. Estendendo a mão até a lateral de minha cabeça, ergueu as sobrancelhas, pedindo minha permissão. Assenti com a cabeça. Ela soltou com cuidado o véu que cobria meu rosto e pôs a mão sob meu queixo. O gesto foi tão gentil e maternal que, embora eu me esforçasse para conter as emoções, meus olhos se encheram de lágrimas. Ela ficou me olhando durante um longo minuto.

– Algum homem machucou você, Yesubai?

Pequenos tremores sacudiram meu corpo e, como as palavras me escapavam, ela insistiu:

– Pode me contar.

Eu sabia que precisava escolher muito bem as palavras, como se cada uma delas pudesse levar à minha morte e, o que era pior, à morte de Isha, mas estar na presença de Deschen me fazia sentir como se a esperança fosse algo que eu pudesse alcançar, como se houvesse um final feliz reservado para mim de alguma forma. Umedeci os lábios e comecei a falar. Ficamos tão concentradas na conversa que, quando me calei, uma hora já havia se passado.

Ela me ouviu com um grau de empatia que eu só havia experimentado com Isha. Quando terminei, ela passou a mão pelo meu cabelo e disse:

– Você estará segura conosco, Yesubai. Prometo a você que meu filho nunca a tratará mal. Ele será paciente com você. Entretanto, se não deseja se casar agora, mesmo assim está convidada a ficar aqui. Eu lhe ofereço abrigo e proteção, como faço com minhas mulheres. Mas espero que você considere ao menos conhecer meu filho antes de tomar uma decisão.

Foi muito fácil. A generosidade que ela demonstrava me fazia sentir ainda mais vil, ainda mais traiçoeira pelas coisas que eu não lhe revelara. Se havia uma certeza, era a de que eu não era digna de fazer parte daquela família. Eles confiavam nas pessoas, eram sinceros e não tinham malícia. Meu pai os destruiria e, se eu não fizesse nada para impedi-lo, me sentiria responsável pela derrocada dos Rajaram.

Após eu lhe garantir que tinha mesmo a intenção de me unir à sua família, ela revelou uma porta escondida atrás de uma cortina e disse que eu poderia usá-la quando precisasse fugir da vigilância de Hajari. Ela conduzia ao jardim

e, enquanto eu descia pela passagem secreta, fiquei invisível e me perguntei se haveria cometido um grave erro.

Meu pai se zangaria com meus métodos, mas nem ele poderia negar os resultados. É claro que havia a possibilidade de ele nunca descobrir. Deschen concordara em manter minha confissão no mais absoluto sigilo. Mesmo assim, eu considerava que os benefícios em potencial eram maiores que os riscos.

Para conquistar a simpatia da esposa de Rajaram, eu lhe contara sobre as agressões de meu pai. Não tudo. Se eu tivesse essa intenção, levaria muito mais do que uma hora. Na realidade, eu não revelara sequer uma fração do que havia sofrido nas mãos dele. Não mencionara seus poderes de feitiçaria nem suas ameaças à vida de Isha. Também não mencionara o veneno escondido em meu armário ou as lâminas que cabiam nos bolsos ocultos costurados em meus vestidos.

Bastou mencionar a fúria de meu pai para que ela se tornasse minha defensora. Relatei a ocasião em que ele destruíra meu quarto de bebê num acesso de raiva porque eu estava chorando. E que batera em Isha até fazê-la perder os sentidos por me deixar fazer tanto barulho. Os olhos de Deschen se encheram de lágrimas junto com os meus quando contei que ele me arremessou contra a parede com tanta força que me deixou inconsciente. Arquejou quando falei dos meses que passara trancada no quarto, isolada do mundo, somente com as flores para me alegrar.

Havia tantas histórias para contar – que não eram tão incomuns assim entre as mulheres – que eu pude compartilhar muitas coisas sem entrar em detalhes sobre os poderes sobrenaturais de meu pai. Acrescentei que Hajari também me ameaçara diversas vezes, fazendo investidas inadequadas, me beliscando e me apalpando quando Lokesh não estava por perto.

Para terminar, eu lhe implorei que não mencionasse os abusos de Hajari nem tomasse nenhuma atitude em relação a isso, para que meu pai não soubesse de nada. Ela concordou, mas insistiu em me mostrar as passagens secretas do palácio. Depois me surpreendeu ao dizer que achava que eu seria uma boa noiva para seu filho e que, se eu quisesse, ela marcaria um encontro entre nós.

O fato de ela ter me aceitado tão facilmente me deixou um pouco cética quanto ao seu discernimento. Alcancei o resultado que eu queria, mas fiquei me perguntando qual seria o custo disso – e não só para mim, mas também para ela e sua família.

Meu pai retornou exatamente duas semanas depois e eu o informei de que Deschen concordara com o casamento e queria marcar um encontro com Dhiren assim que as coisas se acalmassem. A notícia agradou meu pai. Ele me assegurou de que as batalhas cessariam imediatamente para que eu pudesse conhecer meu futuro noivo.

Quando perguntei sobre a saúde de Isha, ele apenas abriu um largo sorriso, como o de um gato que estivesse encurralando um rato. Então sussurrou mais ameaças, dizendo que Hajari estava frustrado com meus constantes desaparecimentos.

Respondi com uma meia verdade:

– Hajari deixa algumas das mulheres daqui nervosas. Deschen o proibiu de entrar no aposento das mulheres e, como minha intenção é conquistá-la, passei a ficar quase o tempo todo ao lado dela.

Ele me encarou como se tentasse desvendar meus pensamentos mais secretos, mas finalmente cedeu:

– Muito bem. Em seu tempo livre, vou mandá-lo espionar Kadam.

Lokesh partiu usando qualquer que fosse o meio secreto que havia utilizado para entrar, com a promessa de me visitar novamente muito em breve.

No dia seguinte, eu estava sentada perto de Deschen, ouvindo sem prestar muita atenção os relatos dos homens que ela enviava para lhe trazerem notícias da linha de frente. De repente um deles disse algo que me fez ficar alerta.

Após ele fazer uma reverência e sair, perguntei a Deschen:

– Ele estava informando que seu filho voltou para casa?

– Sim – respondeu ela, radiante, e acrescentou: – Ah, mas não Dhiren. Quem retornou foi meu filho caçula, Kishan. Imagino que ele nos acompanhará na ceia hoje à noite.

– Ah.

– Não se preocupe. Você conhecerá Dhiren em breve.

Assenti e dei um sorriso contido.

– Estou ansiosa por isso.

– Muito bem. Agora poderia me dar licença? Quero me certificar de que os cozinheiros preparem hoje a refeição preferida de Kishan – declarou a rainha.

– Claro.

Ela pôs a mão na parte de baixo das minhas costas quando me levantei.

– Gostaria de dar uma volta no jardim? Há um labirinto que a maioria das pessoas acha difícil de percorrer. Imagino que lá será fácil despistar o homem de seu pai. – Baixando a voz, sussurrou: – O truque é sempre virar à esquerda. – Com um brilho no olhar, ela partiu com seu séquito e, quando me vi sozinha, usei minha habilidade para ficar invisível. Seguindo seu conselho, fui explorar o labirinto do jardim, algo que há muito desejava fazer.

O jardim dos Rajaram era muito diferente do jardim suspenso sobre o palácio do rei, mas era igualmente bonito, repleto de flores de todos os tipos e de árvores frondosas que exalavam o perfume de sua seiva. Confiando que eu continuaria oculta, dediquei meu tempo a explorar o lugar, tocando flores delicadas e botões até me deparar com o labirinto.

Curiosa, entrei e virei à esquerda várias vezes até chegar ao seu centro. Uma fonte cheia de flores de lótus parecia me convidar a me aproximar. No meio do labirinto, rodeada de cercas vivas tão altas que eu não conseguia enxergar o que estava além delas, me senti segura, como se as plantas que eu tanto adorava fossem capazes de me envolver e me proteger de tudo o que havia de mau no mundo.

Como estava me sentindo muito segura, deixei o poder que me ocultava se dissipar e ergui o rosto, sentindo o calor do sol. Quando ficou quente demais, soltei o véu do rosto e do cabelo, deixando-o cair por meus braços, e passei os dedos na água da fonte, salpicando-a no pescoço e no rosto. O zumbido das abelhas e o canto das aves me acalmaram e consegui esquecer onde estava e – o mais importante – quem eu era. No jardim, eu era somente uma moça que amava flores.

Entre os botões de lótus rosa e brancos, notei algo diferente, que já havia visto antes. Era a mesma flor aquática cor de lavanda que eu descobrira na fonte do rei.

– Impossível – sussurrei, estendendo a mão para retirá-la da água e examiná-la mais de perto. – Talvez você seja mais comum do que eu pensava.

Uma voz forte fez-se ouvir atrás de mim:

– Eu diria que ela é excepcional.

Atônita, deixei a flor cair e me virei. De pé na abertura que dava para o centro do labirinto estava o homem que eu não conseguia esquecer, mesmo tendo se passado semanas desde que o vira. Pisquei os olhos, momentaneamente enfeitiçada por seu sorriso, até que ele deu um passo na minha direção. Então voltei a mim e me apressei em colocar o véu sobre o cabelo e o rosto, baixando a cabeça em seguida.

Ao ver minha reação, ele hesitou.

– Perdão. Não foi minha intenção perturbá-la.

Parecia que a minha língua estava presa. Eu queria falar mas não conseguia pensar no que dizer. Em vez de exigir uma resposta ou ficar impaciente, ele se aproximou da fonte e pegou a flor que eu deixara cair na pedra. Delicadamente, colocou-a de volta entre as outras flores.

– É linda, não é? – perguntou, embora não parecesse esperar uma resposta. – Eu a vi no jardim de Bhreenam e pedi uma muda antes de partir. Achei que minha mãe iria gostar.

– É adorável – murmurei.

Peixinhos minúsculos subiram à superfície, me lembrando das carpas da última vez em que eu estivera perto dele. Mas agora ele sabia que eu estava ali. Como se lesse minha mente, disse:

– Há uma história que o povo da minha mãe conta sobre esses peixes. Num lugar distante, há um rio cheio deles. Embora não aconteça com frequência, alguns desses peixinhos nadam até a cabeceira do rio. Lá encontram uma grande cachoeira, e os mais valentes e determinados, que exaurem as forças saltando até o topo da cachoeira, ganham um presente dos deuses.

– O que os deuses dariam a um peixe? – perguntei, curiosa mas contida.

Ele inclinou a cabeça e, embora eu notasse um brilho em seus olhos que confirmava que havia ouvido a minha pergunta, não se virou para mim, mas passou a mão na água da fonte e depois a levou à nuca, molhando a pele com

a água fresca.

– São transformados em grandes dragões. É por isso que a cachoeira na cabeceira do rio Amarelo foi batizada de “Portal do Dragão”. Como pode ver, qualquer criatura, mesmo tão despretensiosa quanto um peixe, pode se tornar algo poderoso. Quando enfrentam as provações da vida com coragem, todos encontram seu destino.

O que ele disse foi admirável. Não apenas porque me vi envolvida por seu modo de contar uma história como também por ele parecer saber exatamente o que eu estava precisando ouvir. Eu mesma me via diante de grandes provações e pensei que, se havia esperança para um mero peixinho, talvez os deuses também estivessem olhando para mim. Talvez, se provasse meu valor, alcançasse a dádiva que buscava.

– Peço desculpas por estar tão desarrumado – disse ele, me despertando de meus pensamentos. – Kadam me fez treinar mais do que de costume. Receio que esteja querendo me punir por ter passado essas últimas semanas fora. Ele acha que fiquei gordo e preguiçoso sem a nossa rotina diária.

À medida que ele foi desabotoando o colarinho e salpicando água no pescoço, eu engoli em seco e umedeci os lábios. Tirando isso, permaneci paralisada. Kishan podia ser qualquer coisa, menos gordo e preguiçoso. Aliás, era o homem mais lindo que eu já tinha visto. Seus braços e seu peito eram musculosos, e ver a camisa grudada no corpo dele me fez sentir calor, como se houvesse passado tempo demais ao sol.

Por falar em sol, seus olhos dourados, principalmente quando se viravam na minha direção, emanavam um ardor capaz de me derreter inteira. Fiquei até surpresa por não ter caído na fonte. Estava imaginando como seria me transformar na água que ele jogava contra a pele quando algo me chamou a atenção.

O medalhão. Estava pendurado no pescoço dele e tive certeza absoluta de que era o que meu pai procurava. O medo frio se infiltrou em meu corpo, deixando minha pele febril completamente gelada. Envolvi minha cintura nos braços com força. *O que eu iria fazer?* Se meu pai soubesse que este jovem levava no peito o objeto que ele tanto queria, o mataria. Ou me obrigaria a fazer isso. De qualquer forma, os lindos olhos dourados de Kishan ficariam

fechados para sempre. Seu calor seria substituído pelo frio de uma sepultura. Estremeci.

– Está com frio? – perguntou ele. – Permite que eu a acompanhe de volta ao palácio?

Assenti brevemente. Ele me conduziu pela abertura na cerca viva.

– Aliás, meu nome é Kishan.

– Eu sei – respondi em voz baixa.

Voltando-se para me olhar, ele mostrou uma expressão confusa, mas sorriu.

– Então estou em desvantagem. A adorável jovem gostaria de me dar a honra de me dizer seu nome?

Parei de caminhar, minha cabeça a mil com a futilidade do que eu estava tentando fazer. Como poderia salvá-lo, salvar sua família, quando meu pai tinha planejado tanta crueldade contra eles? Ergui os olhos e notei o cordão em volta de seu pescoço. *Como ele irá morrer?*, me perguntei. Será que eu iria acordar um dia e ser informada sobre marcas pretas em seu peito? Ou ele simplesmente desapareceria? Ou talvez sua morte fosse pelas minhas próprias mãos. Talvez fosse eu quem passaria a lâmina pela sua garganta. Talvez eu mesma levasse uma taça cheia de veneno aos seus lábios.

De repente, não pude mais olhar para ele. Meu nome era o nome de sua assassina. Em breve eu seria uma homicida. Ele merecia ao menos conhecer o nome da pessoa que seria responsável pela sua morte.

– Yesubai – murmurei. – Meu nome é Yesubai.

Apertando minhas saias com os punhos fechados, disparei a correr, afastando-me dele e voltando para o palácio sem olhar para trás.

Por mais que tentasse evitar Kishan, ele parecia sempre saber onde eu estava. Era um dos poucos homens com permissão para entrar no aposento das mulheres. Em mais de uma ocasião, eu o encontrei aos pés da mãe, conversando com ela. Todas as vezes ele tentava me incluir na conversa, mas eu pedia licença e me retirava. Nos jantares, eu o flagrava me observando e diversas vezes ele se ofereceu como voluntário para ficar de guarda em minhas andanças pelo palácio, para aplacar Hajari.

Kishan parecia sentir meu alívio ao tê-lo por perto e, quando saíamos para

caminhar, eu quase me esquecia de que Hajari estava conosco. Kishan tinha a habilidade de me fazer sentir segura. Era um sentimento semelhante ao que o jardim me proporcionava. E não apenas por ser grande; era mais do que isso. Foi só no terceiro dia que entendi que o que eu sentia perto dele era esperança. Não havia como alguém estar próximo de Kishan e não ser afetado por sua estabilidade. Ele mantinha sempre os pés no chão.

Assim como as árvores, suas raízes eram profundas, e eu me pegava fantasiando que, se me abraçasse, ele me guardaria em segurança entre seus ramos, escondida do mundo. Nada o abalava. Ele não temia coisa alguma. Vendo-o treinar com os soldados, ficava claro que o respeitavam e confiavam nele plenamente. E não era só isso – eu estava me aproximando perigosamente de sentir o mesmo.

Quando eu menos esperava, Deschen anunciou que a caravana estava pronta para me levar para conhecer Dhiren. Ao entrar na carruagem, levantei as cortinas procurando o rosto de Kishan, mas ele não tinha ido se despedir de mim. Eu disse a mim mesma que era melhor assim e me acomodei para enfrentar a longa viagem até as terras distantes do império.

Quando conheci Dhiren, sua beleza me causou grande impacto. Ele se parecia mais com a mãe do que com o pai. Seus olhos eram de um azul marcante, mas, por mais gentil que ele fosse, eu sentia falta do calor do olhar dourado de Kishan. Conversamos por muito tempo. Ele era educado, tinha boas maneiras, tudo o que uma mulher poderia querer em um homem. Mas faltava algo. Havia uma lacuna entre nós que parecia grande demais para ser preenchida. Apesar de observá-lo atentamente durante o tempo que passamos juntos, em nenhum momento vi um cordão em seu pescoço que indicasse que ele usava um dos pedaços do amuleto que meu pai procurava.

Era óbvio que as dificuldades que ele enfrentava com o exército de meu pai o haviam mantido ocupado, mas ele nunca me culpou por isso nem sequer discutiu os aspectos diplomáticos de nossa união. Disse apenas que estava ansioso pelo nosso casamento e que tinha grande esperança de que fôssemos felizes juntos.

Assinamos alguns documentos e ele teve a cortesia e a atenção de providenciar todo o conforto possível para a viagem de volta, mas, quando

beijou minha mão ao se despedir, tudo o que senti foi arrependimento. Ele era um homem bom – aliás, um homem maravilhoso. Um homem diferente de meu pai como a noite do dia, o que tornava ainda mais difícil carregar o peso de minha cumplicidade com os planos de Lokesh.

Não fazia nem um dia que retornara ao palácio quando meu pai apareceu novamente. Dessa vez em caráter oficial.

# 6



# Traição

Um mensageiro chegou ao palácio com a notícia de que Dhiren havia aprovado o casamento vários dias antes de minha chegada e meu pai fora notificado de que o anúncio aconteceria. Na manhã seguinte ao meu retorno, fui convocada pelo imperador a comparecer diante do trono. Kishan quase se chocou comigo ao sair de lá.

Ele estava bravo – uma emoção não exatamente incomum quando se está na presença de meu pai –, mas, ao me ver, seus olhos se iluminaram brevemente antes de ele desviá-los. Era como se não suportasse mais olhar para mim, e essa ideia me perfurou com a dor de mil agulhas. O sentimento me dominou de tal forma que quase me esqueci de que estava na presença de meu pai.

Lokesh se aproximou de mim enquanto Kishan se retirava rapidamente.

– Yesubai, como é bom vê-la com saúde, minha querida – disse ele como se estivesse feliz em me ver.

Porém, por trás da máscara social, seus olhos tinham um brilho maníaco, e eu percebia o prenúncio das tragédias que estavam por vir.

– Pai – falei, baixando a cabeça. – Espero que sua viagem tenha ocorrido sem incidentes.

– Assim foi. E devo felicitá-la. Seu noivado é motivo de comemoração para os dois reinos.

– É verdade – respondeu Rajaram. – Com efeito, celebraremos hoje à noite.

Meu pai segurou meu braço com muita força, mas sua mão estava oculta pelas dobras de meu vestido.

– Muito bem – disse ele. – Talvez mais tarde possamos discutir quando pensa que seu filho estará disposto a concretizar a união.

– Eu lhe asseguro que o noivado com Yesubai será uma prioridade para meu filho – disse Deschen. – Estou certa de que, assim que as circunstâncias permitirem, ele retornará depressa para tomá-la como esposa.

Lokesh deu um sorriso falso para Deschen que mal escondia seu olhar lascivo.

– Então, até a noite, fico em companhia da minha filha.

A expressão ensaiada de Deschen deu lugar à preocupação e ela se levantou do trono.

– Se não se importar, eu gostaria de passar um tempo com ela hoje à tarde. Aprecio muito nossas conversas.

– É claro.

Lokesh curvou a cabeça brevemente em sinal de reverência, deu meia-volta e saiu levando-me pelo braço. Ele não disse nada e até dispensou Hajari. Saímos do palácio e nos afastamos das fileiras de soldados que o guardavam. Quando estávamos suficientemente longe, ele me soltou e parou de costas para mim, examinando a terra e o jardim próximo. Então levou as mãos à cintura e começou a se virar lentamente, absorvendo com o olhar tudo à nossa volta, até fixá-lo em mim. O que vi em sua expressão me surpreendeu. Ele estava... feliz.

– Você se saiu bem – disse.

– Fico satisfeita em agradá-lo, pai.

– De alguma forma, conseguiu até mais do que eu esperava. Pelo visto, sua beleza tem algum valor, afinal. – Eu nunca o vira de bom humor. Só faltava dançar de satisfação. – Não só armou um contrato nupcial com o príncipe mais velho como deixou o irmão mais novo salivando também. Ele praticamente me implorou para considerar casá-la com ele no lugar de Dhiren. É claro que eu insisti que o mais velho era a melhor opção. Não quero que reste a menor dúvida em relação à sua futura posição.

*Kishan* queria se casar *comigo*? O pequeno nó de esperança em meu coração

se desfez. Por um breve instante, me lembrei do jeito que o imperador abraçara sua rainha e me perguntei se haveria pelo menos a mínima possibilidade de que um dia Kishan me abraçasse da mesma maneira.

Meu pai interrompeu meus pensamentos:

– Deschen também gosta de você. Eu não poderia esperar um resultado melhor. Isso me fez mudar de ideia quanto ao nosso plano. Você irá envenenar o príncipe mais jovem e o pai hoje à noite e se casar com o mais velho. Se ele me for útil, permitirei que continue vivo. Ele parece ser um comandante militar bastante competente.

*Matar Kishan?* Ele queria que eu o *matasse*?

– Não! – gritei e instantaneamente cobri a boca com as mãos.

Seus olhos astutos se cravaram em mim.

– O que foi que disse? – perguntou ele num tom baixo e ameaçador.

Lutando para proteger tanto Kishan quanto a mim mesma, disse a única coisa que sabia que o distrairia:

– O príncipe mais jovem usa pelo menos um dos amuletos. Eu o vi. Não devemos matá-lo até descobrirmos onde está o outro.

Meu pai ficou calado e, audaciosamente, dei um passo na direção dele e pus a mão em seu braço.

– Kishan pode ser... manipulado. Talvez eu consiga arrancar dele a localização da outra parte. Para falar a verdade, não tenho tanta certeza de ter a mesma influência sobre Dhiren. Ele é gentil, mas não me olha com a mesma paixão que Kishan.

– Você é mais esperta do que eu pensava, Yesubai. Afinal, é mesmo minha filha. Muito bem. Use suas artimanhas para descobrir o paradeiro da outra parte do amuleto e me informe imediatamente.

– E o imperador?

– O que tem ele?

– Se eu matá-lo, nós seríamos considerados suspeitos. Será bem mais fácil lidar com os príncipes se eles acreditarem que estão em segurança.

Meu pai enrijeceu o corpo, tenso. Não estava acostumado a me ouvir respondendo desse jeito, mas não podia ignorar meus argumentos e ainda precisava de mim para atingir seus objetivos. Faíscas azuis iluminaram as

pontas de seus dedos. Vi com o canto do olho, mas sabia que era melhor não demonstrar abertamente que conhecia seu poder. Ele o conteve e disse:

– Então, por agora, a família Rajaram continuará viva. Dedique-se ao príncipe mais jovem até Dhiren chegar e aguarde minhas instruções.

Baixando a cabeça, respondi:

– Como desejar.

– Agora retorne ao palácio e passe o dia com a rainha. Fale com ela sobre as minhas... realizações.

Então virou de costas para mim, o que indicava que eu estava dispensada, e me dirigi rapidamente de volta ao palácio.

Naquela noite jantamos todos juntos, como uma família grande e feliz, embora Kishan não olhasse para mim e meu pai ficasse me observando demais. Hajari permaneceu de pé atrás de meu pai, lançando olhares ameaçadores como dardos, insinuando o que faria comigo no momento em que eu ficasse a sós com ele. Esse era um homem que eu não teria remorso algum de assassinar.

Meu pai partiria no dia seguinte. Quando ouvi uma batida na minha porta ao amanhecer, presumi que fosse ele, mas, para minha surpresa, era Deschen, que estava sozinha.

– Onde está o seu guarda? – perguntei, temendo pelo que meu pai pudesse fazer caso desse de cara com ela.

Deschen encolheu os ombros.

– Privilégio de rainha – disse, com um sorriso.

Ela se desculpou por interromper meu sono – embora eu não tivesse dormido boa parte da noite – e perguntou se eu não me importaria de acompanhá-la. Eu a segui até o campo aberto onde os soldados treinavam.

– O que estamos fazendo aqui? – perguntei.

Retirando o robe, Deschen revelou um traje parecido com um quimono justo, afivelado na cintura, sobre uma calça justa e sandálias flexíveis como as de um soldado.

– Eu precisava praticar um pouco – disse ela, dando uma piscadela para mim. – Ah, aí está Kadam.

O comandante do exército de Rajaram entrou no círculo de terra compacta

usado para os treinos e ofereceu à rainha um lindo conjunto de espadas. Eu nunca vira armas como aquelas antes e me perguntei se viriam de sua terra natal.

– Minha rainha – disse o homem de meia-idade, fazendo uma reverência. – Pronta para assumir a posição?

– Eu já estou pronta faz uma hora. Você passou muito tempo enroscado na cama como um gato hoje? Temo que esteja ficando velho, Anik.

O militar sorriu.

– Ainda não, majestade.

– Então erga a sua espada – provocou Deschen, com uma expressão brincalhona.

Enquanto praticavam, sentei-me ao pé de uma árvore para assistir. O líder do exército era um lutador habilidoso, mas logo ficou claro que Deschen era mais do que capaz de acompanhá-lo. Eu nunca havia visto uma mulher lutar antes, muito menos movimentando-se com tamanha leveza e agilidade. As espadas gêmeas cortavam o ar como se fossem uma extensão de seu corpo, e ela saltava e girava como uma dançarina mortal.

Entendi o fascínio de meu pai por ela. Pouco depois, Kishan se juntou aos dois e provocou o guerreiro com bom humor, dizendo que estava sendo vencido por uma mulher. Quando Deschen perguntou ao filho se ele se sairia melhor, Kadam atirou sua espada para ele. O príncipe recolheu a túnica e fez um círculo em torno da mãe. Ele não tinha me visto e me ocultei ainda mais na sombra. Ainda que Deschen soubesse que eu estava ali, eu me sentia como se houvesse sido flagrada espionando.

Enquanto praticavam, a rainha começou a fazer perguntas ao filho, e logo me ocorreu que ela teria me levado ali com uma finalidade totalmente diferente. Kishan, sem saber que eu estava por perto, respondia sem rodeios.

– Como você está se sentindo depois de ontem? – perguntou ela.

– Como era de se esperar.

– Você sabe que tentamos.

– O que eu sei é que Ren ganhou de novo.

– Não é uma competição, Kishan.

– É claro que não. Como seria, se eu nunca tive qualquer esperança de

sucesso? Eu perco sempre.

– Isso não é verdade. E talvez só o pai dela aspire ao título.

– Que mulher trocaria o trono por um amor?

Deschen baixou a espada.

– Eu trocaria – disse ela, séria. – Dê um pouco de crédito a ela.

Kishan passou a espada para a outra mão, girou o pulso e voltou a investir. Quando as espadas se tocaram, ele ficou cara a cara com a mãe.

– Mesmo que ela me quisesse, o pai não permitiria.

– Não sabemos se isso é totalmente verdade. – Ele lançou um olhar de dúvida para a mãe e ela recuou. – Está bem, ele é um homem teimoso. Talvez o tempo o faça mudar de ideia.

– Ren vai chegar dentro de uma semana e espera ser recebido por sua noiva.

– Talvez possamos fazer algo a respeito disso. – A mãe abriu um sorriso misterioso. Kishan ergueu as sobrancelhas e empurrou a espada dela para longe de sua garganta. Deschen prosseguiu: – O que quer que ela decida, quero que seja escolha dela. Não quero pressioná-la de forma alguma. – Num tom de voz mais baixo, acrescentou: – A pobre já foi pressionada demais na vida.

Com um contra-ataque habilidoso, Deschen girou o punho, arrancando a arma da mão de Kishan. Ela levou a espada ao peito dele e riu:

– Nunca subestime as mulheres, meu filho.

Rindo, Kishan disse:

– Eu nunca subestimaria você, mãe. – Ele a beijou no rosto e foi pegar a espada do chão. – Melhor de três? – sugeriu, e mãe e filho recomeçaram.

A pele de Kishan brilhava à luz do amanhecer, e o cuidado que ele dispensava à mãe era enternecedor. Ali estava um homem que trataria a esposa com o mesmo respeito e a bondade que dedicava à mãe. Ali estava um homem que não se sentia remotamente ameaçado por uma mulher de poder. Ali estava um homem que eu poderia amar.

Deschen estava certa ao pensar que eu não me importava nem um pouco com o título de rainha. Fiquei me perguntando quais seriam seus planos e maravilhada com a habilidade com que a mulher manipulara meu pai. Ela me levara para lá de propósito. Queria que eu ouvisse aquela conversa. Eu estava

pensando qual seria a razão disso e o que exatamente ela esperava que eu fizesse quando ouvi uma voz atrás de mim:

– Linda.

O sentimento de admiração soava como algo imundo vindo dos lábios de meu pai.

Levantei-me imediatamente de meu assento confortável sob a árvore, enrubescendo com a ideia de que minha vigilância estava vacilante. O fato de ser flagrada observando mãe e filho com o mesmo desejo sedento de meu pai me enojava.

– Ela é realmente única – completou ele.

– É, sim.

Então Kishan nos notou e soltou a espada, ganhando um corte no braço quando sua lâmina não conteve a de sua mãe.

– Yesubai? – disse ele.

Então deu um passo à frente, mas parou.

A rainha se voltou para nós, enxugando o pescoço com um lenço.

– Ah, está se despedindo de seu pai? – perguntou ela, dando uma piscadela. Então dirigiu-se a Lokesh: – Obrigada por permitir que ela fique conosco estes próximos meses. É uma pena que Ren não possa vir antes.

Inclinei a cabeça, tentando imaginar que desculpas ela teria usado para manter Dhiren afastado. Era óbvio que ela amava Kishan, mas eu nunca tivera a impressão de que ela gostava mais de um filho do que do outro.

– Claro – disse Lokesh e deu um sorriso contido. – Uma pena. Até nosso próximo encontro, majestade. – Ele tomou sua mão e a beijou durante um tempo mais longo do que seria apropriado, deixando-a desconfortável, e então se voltou para mim: – Adeus, filha. Mandarei notícias.

Deschen pediu a Kishan que acompanhasse meu pai até seu séquito de soldados. Depois me deu o braço.

– Você manteve a compostura de uma forma notável – disse ela.

Não entendi ao certo se estava se referindo às revelações que eu escutara ou à presença de meu pai. Então resolvi me pronunciar:

– Foi muita bondade sua pedir a ele que me deixasse ficar.

– Eu não seria capaz de mandá-la de volta com ele. Agora você está sob

minha proteção, Yesubai.

Ficamos observando os cavalos da comitiva de meu pai enquanto eles se afastavam do palácio e saíam pelos portões. Kishan se virou na nossa direção e me olhou durante um tempo; depois suspirou e começou a se aproximar de onde estávamos. Enquanto o esperávamos, ouvi a rainha pedir ao comandante Kadam:

– Reforce a segurança na sala de banho das mulheres. Alguém me espionou hoje cedo. O responsável ainda não foi descoberto.

Ele fez uma reverência.

– Cuidarei disso pessoalmente, majestade.

Ao ver minha expressão de espanto, ela se apressou em me tranquilizar:

– Não há nada a temer, Yesubai. Todos nós vamos zelar pela sua segurança.

Ainda que confiasse plenamente na dedicação dos soldados da rainha, eu sabia muito bem quem a havia espionado. Meu rosto enrubesceu quando tomei conhecimento do que meu pai havia feito e me senti culpada, quase como se eu mesma tivesse causado aquilo.

Conforme a rainha dissera, logo foi anunciado que Dhiren estenderia a viagem para percorrer o império. Fora recomendado que ele dedicasse o tempo necessário para deixar todos os negócios do império em ordem antes de voltar para casa e concentrar as atenções em sua noiva. Relutante, Dhiren concordou em se reunir com conselheiros de seu pai em cidades e fortes, fazendo um caminho mais longo ao retornar da frente de batalha.

Hajari ficara no palácio para tomar conta de mim e, por causa disso, Kishan assumiu o papel de meu acompanhante pessoal. A cada dia que passava, eu percebia que ficava mais ansiosa para vê-lo. Ele me ensinou a jogar *pachisi* e aprendi rápido, inclusive ganhando dele em mais de uma ocasião. Às vezes, a rainha nos acompanhava, mas em geral éramos apenas nós dois, com Hajari observando a distância, entediado e carrancudo.

Deschen frequentemente mandava chamar Kishan ao aposento das mulheres, fingindo precisar dele, apenas para lhe pedir que me acompanhasse até a cozinha para buscar um doce ou até o jardim para colher flores. Certa vez, ela mentiu descaradamente: disse que eu me queixara de estar entediada e perguntou se ele se importaria de me ensinar a cavalgar. Era óbvio que sua

intenção era me jogar nos braços dele de propósito.

Considerando o fato de que eu iria me casar com seu irmão, a situação era embaraçosa. Ainda assim, eu adorava estar com Kishan. Nas horas que passávamos juntos, eu aprendera a confiar nele. Adorava ver o brilho em seus olhos dourados quando ele ria, e o calor de seu sorriso enchia meu coração de uma forma que nunca imaginei que fosse possível. Eu jamais havia pensado que seria capaz de depender de um homem. As experiências que tivera com o sexo oposto não haviam sido nada agradáveis, mas Kishan era diferente.

A confiança logo se transformou em cumplicidade, que levou à admiração. Então, antes que eu me desse conta do que tinha acontecido, a admiração se transformou num desejo que era ao mesmo tempo fantástico e terrível, e percebi que estava apaixonada. Apesar disso, Kishan continuou se comportando de forma apropriada, distante como um primo.

Com o passar das longas semanas, os boatos sobre o retorno de Dhiren começaram a circular e passei a me perguntar se eu não teria entendido errado as intenções de Deschen e de meu pai. Será que os sentimentos de Kishan em relação a mim haviam mudado com o tempo? Será que ele agora me enxergava como irmã e não me desejava mais como mulher?

Durante esse tempo, quase todo dia chegavam cartas de Dhiren. Ele escrevia com eloquência sobre a vida que imaginava para nós e, embora minhas respostas fossem breves e até um pouco secas, suas cartas foram ficando cada vez mais afetuosas, emotivas e íntimas. Após usar a passagem secreta para o jardim de modo a evitar Hajari, encontrei um banco e estava ali sentada, com a última carta de Dhiren amassada em meu punho fechado e me perguntando o que eu estava fazendo com aquela pobre família, quando Kishan me encontrou.

– Yesubai? Algum problema? – perguntou.

Ele sentou-se ao meu lado e retirou as folhas da minha mão. Alisando-as sobre a coxa, começou a ler:

Minha querida Bai,

> Os meses em que estivemos separados pesaram sobre mim. Como eu gostaria de estar ao seu lado neste momento! Apesar do pedido de minha mãe, tenho a intenção de voltar para casa após minha visita a esta cidade, cancelando os poucos destinos que ainda faltam. Talvez eu chegue antes até de você receber esta carta. Preciso admitir que, toda vez que fecho os olhos, vejo você. Sou o mais afortunado dos homens por ter como noiva uma mulher tão linda. O modo como a luz brilhou no seu rosto...

Kishan parou de ler e deixou as páginas pendendo das pontas de seus dedos.

– Kishan? – perguntei. – Kishan, diga alguma coisa.

Ele não disse nada. Lançando-me somente um breve olhar, levantou-se e se afastou rapidamente, indo na direção do labirinto.

– Aonde você vai? – chamei, vendo-o desaparecer atrás da cerca viva.

Finalmente o encontrei no centro do labirinto. Ele se inclinou sobre a fonte, com as mãos espalmadas sobre a borda e de costas para mim. Não se voltou na minha direção antes de falar.

– Bai? – perguntou em voz baixa. – Ele chama você de Bai?

– Chama. Mas, não, eu nunca pedi isso a ele.

– Mas não se incomoda.

Eu não sabia ao certo o que responder. Isha me chamava de Bai e eu sempre gostara do apelido. Era como um segredo entre nós duas. Era o modo como me chamaria alguém que me amasse.

Por fim, respondi:

– Eu preferiria que ele não usasse esse apelido, na verdade. – Aproximando-me de Kishan pelas costas, prossegui com voz suave: – Sei que você chama seu irmão de Ren, mas eu só me refiro a ele como Dhiren. Para ser sincera, não sei se algum dia vou me sentir à vontade para chamá-lo de outra forma.

Estava tentando transmitir a ele, de modo sutil, que não era o irmão dele

quem eu amava. Kishan continuou sem olhar para mim.

– Meu pai sempre disse que apelidos só são usados pelas pessoas das castas mais baixas.

Minhas próprias palavras me fizeram me encolher. Pareciam cruéis e não eram o que eu pretendia lhe dizer. Eu acabara de insultar não só a ele como toda a sua família.

– Ele vai chegar a qualquer momento – disse Kishan.

– Sim – respondi.

– E aí você vai se casar com ele.

– Não é o que foi combinado?

– Mas...

– Mas o quê?

– É isso que você quer? – Então ele se voltou para mim e estendeu a mão, passando os dedos ao longo do véu que cobria meus cabelos. O tecido fino, já solto, deslizou do meu rosto. – Yesubai?

O jeito como ele disse meu nome foi quase uma carícia. Meu corpo estremeceu e, embora eu não tenha chegado mais perto dele, senti a distância entre nós diminuir. O ar nos envolveu e aqueceu minha pele.

– Eu... – Meus lábios tremeram e baixei a cabeça, incapaz de manter a compostura, aprisionada por seu olhar. – Eu não amo o seu irmão – murmurei finalmente.

Kishan inspirou fundo e passou as pontas dos dedos delicadamente ao longo de meu maxilar até o queixo, erguendo meu rosto para que eu tornasse a mergulhar em seus olhos dourados.

– Então você ama outra pessoa?

Assenti com a cabeça.

– Fale – pediu ele.

Observei seus lábios ao pronunciarem a palavra.

Meu coração batia com tanta força que fiquei excessivamente tensa, como se só conseguisse pensar no formigamento dos meus braços e pernas. Com a voz arrastada e os pensamentos confusos, sussurrei:

– Eu preferiria que fosse você o meu prometido.

Senti o coração bater uma vez, depois outra, e aquele momento parecia

quente e frio ao mesmo tempo. Então ele sorriu, e era como a luz do sol, o calor e promessas de felicidade combinados numa única expressão. Antes que eu me desse conta do que estava acontecendo, ele pressionou os lábios contra a palma da minha mão e beijou a pele macia. Seus lábios foram se movendo lentamente até meu pulso e então ele segurou minha outra mão.

A névoa que envolvia minha mente ficou ainda mais densa e todo o meu ser se resumia a sensações e sentimentos. Tudo que eu queria era mais. Seus lábios. Seu calor. Ele. Kishan já estava na altura de meu pescoço quando finalmente consegui me concentrar em suas palavras. Dissera que falaria com meu pai.

Apoiei as mãos em seu peito e o empurrei com força, afastando-me abruptamente. Senti tanto a ausência de seu calor que parecia que meu pai tinha congelado o sangue em minhas veias.

– Não – sussurrei.

– Como assim, não? – perguntou ele, confuso e abalado como eu.

– Digo, precisamos ter cuidado. Meu pai é um... é um homem difícil.

A expressão no rosto de Kishan ficou dura como pedra.

– Não vou permitir que ele machuque mais você, Yesubai.

– Por favor, só... só me dê um tempo para que eu fale com ele. Talvez eu consiga convencê-lo a reconsiderar a questão. – Quando ele adotou um ar de dúvida, acrescentei: – Prometo que vou tentar encontrar uma maneira de ficarmos juntos.

– Ren voltará em breve. Se quisermos alterar os termos do seu noivado, algo tem que ser decidido depressa.

– Mandarei uma mensagem para meu pai imediatamente. – Tomei suas mãos e pressionei os lábios contra seus dedos. – Por favor, Kishan, vamos manter isto apenas entre nós por enquanto.

Ele concordou e me acompanhou de volta ao palácio. Chamei Hajari e o enviei ao meu pai com uma carta que dizia que eu precisava falar com ele imediatamente. Naquela mesma noite, meu pai apareceu em meu quarto e, ainda que eu tivesse me preparado muito para a visita, minhas mãos tremeram quando o momento chegou.

– Dhiren se aproxima e deve chegar dentro de poucos dias. Kishan declarou

abertamente seus sentimentos por mim e acredito que esteja disposto a fazer praticamente qualquer coisa para impedir o casamento.

– Entendo – disse meu pai. – Prossiga.

– Se o senhor o incentivar, é muito provável que ele encontre uma maneira de lhe dar os objetos que procura. Assim, talvez os Rajaram deixem de ser uma ameaça ao senhor e não seja mais necessário destruí-los.

Meu pai deu uma risada sombria.

– Você pensa que toda esta conspiração é porque eu os enxergo como uma ameaça? Não, minha filha ignorante. Eles são tão insignificantes quanto a fraca da sua mãe. Nos anais do tempo, a marca que eles deixarão na história será absolutamente indiscernível. Pensa que me importo com o fato de ele amar você? Pensa que não vejo que você é louca por ele? Eu não sou bobo, Yesubai. Não se engane. Eu tenho completo controle de cada um de vocês e das suas vidinhas. Cada migalha que concedo a vocês só existe porque assim desejo. Vocês só existem porque eu permito. – Ele passou a mão no queixo. – Ainda assim, faz algum sentido deixar o jogo correr até seu desfecho inevitável e trágico. Muito bem. – Ele me deu uma última olhada e então se voltou para a janela. – Diga ao príncipe mais jovem que quero me encontrar com ele amanhã ao anoitecer, na fronteira entre nossas terras, nas colinas escarpadas. Então decidirei se deixá-lo viver será uma boa diversão para mim.

Assenti, arrasada com o que eu havia feito, e, quando ele partiu, fiquei pensando se poderia ter agido de forma diferente. Mais uma vez, o conforto silencioso do sono me escapou e, no dia seguinte, usei meu véu mais escuro para me esconder. Além de disfarçar meu estado deplorável, eu precisava que ele ocultasse todo o mal que sentia estar causando. Não foi a primeira vez que me perguntei se não teria sido melhor para o mundo se eu não tivesse nascido.

Kishan concordou prontamente em se encontrar com meu pai e, sob o pretexto de uma cavalgada ao entardecer, partimos para a fronteira. Meu pai nos aguardava. Meneou a cabeça para Kishan, que se aproximou dele apenas com uma pequena espada. O fato de estar completamente despreparado para um confronto com meu pai não passou despercebido por mim. Mordi o lábio

com força. Mesmo se Kishan estivesse devidamente preparado para uma batalha e não se apresentasse a meu pai como um pretendente, ainda assim não seria páreo para ele.

Após os devidos cumprimentos, Kishan anunciou audaciosamente que queria que meu pai reconsiderasse seu pedido. O brilho nos olhos de meu pai revelou que Kishan estava se comportando exatamente da maneira que ele esperava.

– E o que me oferece no lugar do título? – perguntou meu pai. – Certamente não espera que eu aceite sua proposta apenas porque tenho bom coração.

Kishan ofereceu diversas riquezas, cavalos de raça, elefantes de batalha e outros bens que possuía, mas logo ficou claro que meu pai estava ficando entediado.

– Não preciso desse tipo de coisa – disse Lokesh sem rodeios. – Kishan, tenho a impressão de que você é um homem capaz de tomar decisões difíceis, mesmo que um ou outro sacrifício seja necessário. Estou certo?

Kishan cruzou os braços sobre o peito:

– Sou conhecido por ser decisivo em batalhas.

– Muito bem. Então serei o mais direto possível. Minha filha, Yesubai, tentou deixar de lado o que sente por você para poder assumir a posição de rainha e esposa de seu irmão. Infelizmente, vê-se que ela é incapaz de negar o amor que carrega no peito e prefere ter você como marido. Com toda a franqueza, seria melhor para nossas famílias e nossos reinos se vocês dois nunca tivessem se conhecido, mas sou um homem brando e compreendo as paixões da juventude.

Ergui uma das sobrancelhas, mas não disse nada.

Lokesh continuou:

– Como tenho empatia por todas as dificuldades que vocês vêm enfrentando, concordo em modificar os termos do noivado.

Kishan riu e me envolveu em seus braços, me apertando junto ao seu corpo.

– Porém... – disse meu pai, com a reprovação à atitude de Kishan estampada no rosto – você deve aceitar as minhas condições.

Kishan se afastou de mim e o jovem apaixonado pareceu ser substituído por um príncipe digno de seu pai.

– Não há nada que eu possa prometer em nome de meu pai. Posso lhe dar apenas aquilo que possuo. Se houver mais alguma coisa que deseje, terá que pedir aos meus pais.

Lokesh passou o braço pelos ombros de Kishan.

– Filho... Posso chamá-lo assim? – E não esperou a resposta: – Não precisamos envolver Rajaram e Deschen ainda. Esta negociação está seguindo um caminho tão delicado que devemos avançar com cautela. Certo?

Kishan assentiu, hesitante.

– E quais são suas condições?

– Ah, nada de mais. Uma coisa insignificante, na verdade. Sabe, eu sou o que se poderia chamar de colecionador.

– Colecionador de quê?

Lokesh riu.

– De muitas coisas. Mas, no seu caso, há algo em seu poder que pode despertar meu interesse a ponto de me fazer considerar a possibilidade de abrir mão do título de Yesubai.

– E o que é?

– Há uma parte de um amuleto em poder de sua família. Duas, aliás.

– Do Amuleto de Damon? Por que teria interesse nisso? Não tem nenhum valor monetário. São meros pingentes herdados de minha família.

– Sim, eu sei que não alcançariam um preço alto, mas são muito antigos. – Lokesh sorriu como um chacal. – E eu tenho uma afinidade especial por... relíquias antigas.

– Entendo.

Kishan baixou a cabeça e moveu o maxilar enquanto refletia sobre a proposta de meu pai. Por fim, disse:

– Eu lhe dou a minha parte, mas Dhiren tem a outra em seu poder. Duvido muito que ele aceite abrir mão da parte dele para me ajudar a roubar sua noiva.

– Sim, entendo que isso seja um problema. Ainda assim, são as duas partes ou não há negócio. Se não chegarmos a um acordo, Yesubai irá se casar com seu irmão, por mais infeliz que ela se torne.

Kishan não disse nada, mas vi o desespero em seus olhos. Por mais que ele

me quisesse, sabia que de forma alguma Dhiren abriria mão da parte do amuleto de boa vontade. Muito menos se isso significasse me perder.

Atrás de Kishan, senti que meu pai começava a invocar seu poder. Se não conseguisse manipular o príncipe, ele o mataria.

– Kishan – sugeri –, talvez haja outro jeito.

– Qual? – sussurrou ele. – Ren não vai nos ajudar.

– E se o pegássemos de surpresa?

– O que quer dizer?

– Sim, filha, o que está dizendo?

A ameaça implícita na voz de meu pai não passou despercebida.

– E se planejássemos um assalto?

– Ren não carrega seu pingente no pescoço. Nem mesmo sei onde está.

– Meu pai poderia mandar soldados disfarçados para interceptar Dhiren na viagem de volta, com instruções específicas para descobrir a localização do amuleto dele. Depois poderíamos detê-lo enquanto você vai pegá-lo. Ele jamais saberá do nosso envolvimento.

EPÍLOGO



# Partida

As coisas não correram exatamente conforme o planejado. Hajari e mais alguns homens de meu pai me raptaram do palácio na noite seguinte e me levaram de volta para Bhreenam, onde Kishan me recebeu de braços abertos.

– O que está acontecendo? – perguntei.

– Ren dificultou as coisas. Como se recusou a cooperar, está sendo trazido para cá. Vamos recebê-lo na sala do trono quando chegar. Não é o que planejávamos, mas Ren não nos deixou alternativa. Seu pai diz que vamos ter que confrontá-lo abertamente e parece acreditar que será mais fácil convencê-lo se ele vir que nós três estamos unidos. Tecnicamente, meu irmão é prisioneiro de seu pai. Mas ele me garantiu que só pretende ameaçar Ren até ele entregar o que deseja, e então irá assinar o novo acordo de noivado.

– Mas...

– Ah, aí está você, querida. Se nos dá licença, Kishan, vou acompanhar minha filha até os aposentos dela para que descanse e se troque antes de seu irmão chegar.

– Claro – disse Kishan, apertando minha mão antes de meu pai me levar de lá.

Ao chegarmos ao meu quarto, dei um gritinho quando vi Isha à minha espera. Estava muito mais magra e seu rosto exibia marcas de cansaço, mas estava viva e, naquele momento, isso já era uma bênção.

Apontando para a cama, meu pai disse:

– Você tem que se vestir de acordo com o papel que irá desempenhar. Deverá estar linda e, por isso, não colocará o véu. Quero que seja uma distração para os dois irmãos. Se der sorte, deixarei um deles viver. Mas, se meu plano falhar... – ele deu um passo à frente e segurou meu rosto, obrigando-me a olhá-lo nos olhos – todas as pessoas que você ama irão sofrer. Entendeu, Yesubai?

– Entendi.

– Muito bem. Mandarei Hajari buscá-la. Comece a se preparar.

Quando a porta se fechou, Isha correu na minha direção:

– Ah, minha menina querida!

– Isha, estou com tanto medo! Ele vai matá-los!

– Não fique pensando nisso. Concentre-se numa coisa de cada vez. Primeiro, precisa se vestir.

Duas horas depois, atravessei o longo corredor ouvindo o tilintar dos guizos que levava na cintura e nos tornozelos. Meus cabelos estavam decorados com ouro e joias. Eu nunca os usara descobertos e me sentia nua sem o véu, mas mantive os ombros retos e a cabeça erguida. Kishan saiu de trás de uma pilastra.

– Yesubai – arquejou –, você está... você está linda!

– Obrigada. Meu pai escolheu minhas roupas.

– Talvez ele tenha a intenção de nos casar imediatamente.

Dei um sorriso contido.

– Talvez.

– Eu lhe prometo, Yesubai, que vamos encontrar um jeito de ficar juntos. Não há nada que eu não faria por você.

Ele encostou a testa na minha e eu me atrevi a pôr a mão em seu rosto.

– Eu sei – sussurrei.

Ainda que meu pai deixasse Kishan viver, eu sabia que era apenas questão de tempo até ele destruir e aniquilar a pequena e frágil chama do amor que havia surgido entre nós. Quando tomei o braço de Kishan e ele me conduziu até a sala do trono, sabia que mais cedo ou mais tarde ele descobriria o que eu tinha feito e me odiaria por isso. Tentando salvar os membros da família Rajaram, acabei por acorrentá-los a mim, entrelaçando nossos destinos.

Não havia saída. Caminhando rumo ao estrado sobre o qual meu pai estava sentado, eu tinha a sensação de estar subindo em um cadafalso. A faísca da esperança havia me deixado cega para a realidade. A mesma realidade que agora, sentada ao lado de meu pai, me engolia. Quando Dhiren foi trazido, a certeza de minha situação desesperadora praticamente me esmagou.

Ele estava amarrado. Havia sido espancado brutalmente, o que não me surpreendeu. Se Kishan estava espantado, não deixou transparecer. Ren foi interrogado, caçoado e humilhado por meu pai. O fato de permitir que sua verdadeira natureza emergisse por trás da imagem cuidadosamente elaborada de diplomata que preferia exibir publicamente significava que ele não tinha a menor intenção de deixar os príncipes vivos.

A vergonha me dominou e, por mais que a tragédia que se desenrolava à minha frente fosse de partir o coração, eu era incapaz de fazer qualquer coisa para impedi-la. Meu pai não podia ser derrotado. Eu sabia disso, mas ainda assim me deixara enganar, pensando que encontraria uma solução. Fui uma tola.

Em meio à névoa em que minha mente se encontrava, ouvi meu pai dizer:

– Talvez você precise de uma demonstração de meu poder. Yesubai, venha!

– Não! – exclamaram juntos Dhiren e Kishan.

Incapaz de fazer nada além de balançar a cabeça, vi meu pai invocar seu poder para atacar. Ele ia matar. Eu tinha que fazer alguma coisa, mas todo o meu instinto me dizia para agir com cuidado. Meu pai não perdoaria nenhum tipo de traição. Fiquei paralisada de terror. Então Dhiren disse que o veneno de meu pai corria no meu sangue. Eu me perguntei se não seria verdade.

Afinal, eu não tinha conspirado para roubar a família Rajaram? Não dera prioridade às minhas necessidades sobre as de um estranho? Não tinha armas e venenos escondidos, prontos para matar o homem que passara a amar? Meu pai não era a víbora. Eu é que era. Havia conduzido esses dois nobres príncipes para a morte. Meus olhos se encheram de lágrimas com a constatação de que não havia como escapar ao mal de meu pai. Ele corria em minhas veias.

Reconhecer o que eu era, quem eu era, foi doloroso. Eu não queria mais ser a filha de Lokesh. Queria ser boa. Alguém que fosse corajosa e nobre. Digna

do amor que Kishan oferecera. Um gemido patético ficou preso na minha garganta. Se eu não fizesse nada, eles morreriam, mas Isha e eu talvez fôssemos poupadas. Se eu confrontasse meu pai, ele me mataria junto com os príncipes e depois se vingaria lenta e horrivelmente em minha acompanhante.

Meu pai prosseguiu:

– Quer ouvi-la gritar? Garanto que ela grita muito bem. Esta é sua última chance de fazer uma escolha. Entregue a sua parte para mim.

Foi essa mentira que mudou tudo. Durante toda a minha vida, eu tivera um pavor mortal de meu pai e de seu poder. Vivera cada instante com um medo absoluto dele. Quando ele anunciou aos príncipes que o terror que ele invocava em mim me fazia gritar, percebi que era exatamente isso o que ele queria e eu nunca lhe dera. Sempre me mantive impassível e indiferente, como se meu pai não fosse um monstro, mas apenas um homem.

Embora realmente tivesse me traumatizado a ponto de quase me fazer perder o controle, ele nunca havia conseguido. Jamais, em meus 16 anos, ele me fizera gritar. Essa ideia me fez experimentar um poder que nunca sentira antes.

Lokesh – jurei mentalmente nunca mais chamá-lo de pai – ameaçava Dhiren com seu punhal e estava invocando um feitiço. Vi uma luz surgir ao redor do corpo dos dois. Antes que pudesse me mover, Kishan investiu contra meu pai, que usou seu poder para jogá-lo para longe. Ele começou a torturar Kishan enquanto Dhiren, amarrado, tentava inutilmente ficar de pé. Foi então que vi que Kishan conseguira arrancar o punhal da mão de Lokesh.

Os gritos dos dois príncipes despertaram algo feroz em mim. Era preciso fazer alguma coisa. Alguém tinha que agir. Então decidi que seria eu. Contra todos os instintos que eu desenvolvera em 16 anos, agarrei os braços da cadeira dourada onde estava sentada e me levantei.

Sentindo-me livre da opressão de Lokesh, ergui os braços, murmurando um apelo aos deuses: que eu finalmente conseguisse usar minha habilidade para curar e proteger outra pessoa. Assim como as carpas da lenda, dediquei cada grama de energia a me superar e transmitir o poder que eu carregava dentro de mim para os dois príncipes.

Meu desejo secreto foi atendido. Eu podia sentir as feridas deles se

fechando. Lokesh gritou de frustração. Fiquei invisível e me movimentei em silêncio, pegando o punhal que Kishan deixara cair no chão.

Eu não sabia lutar como Deschen nem tinha um plano. Mas possuía uma arma. Lokesh se inclinou sobre Dhiren, agarrando seu amuleto, e eu o ataquei. Com toda a força que tinha, cravei o punhal bem fundo nas costas de Lokesh. Ele urrou, furioso, e senti um instante de satisfação, que não durou muito. Eu tinha esperança de que meu ataque o distraísse durante tempo suficiente para os irmãos fugirem, mas ele arrancou o punhal das costas e fez pouco caso da dor, como se não passasse de uma picada de abelha.

Foi na direção de Kishan e, ficando visível, eu me coloquei na sua frente e apoiei as mãos com força em seu peito, gritando:

– Você *não* vai tocar nele!

– Yesubai, não! – disse Kishan, sem forças, tentando me afastar.

Mas Lokesh estava em fúria.

Ele usou o poder do vento, que irradiava de seu corpo em todas as direções. Lokesh me levantou, jogando-me para o lado de modo a chegar até Kishan, e o vento carregou meu corpo.

Quando caí, meu pescoço se chocou contra o estrado e ouvi um estalo. Senti dor apenas por um instante, antes que uma dormência tomasse conta do meu corpo. Imediatamente perdi o fôlego e não conseguia respirar. Tudo à minha volta parou e ficou parecendo um sonho, um silêncio misterioso.

Vi que Kishan havia ficado de pé mas parecia estar congelado e me perguntei se Lokesh teria feito algo a ele. Então ouvi um tilintar de guizos e uma linda mulher surgiu à minha frente. Ela olhou a cena sangrenta e se ajoelhou a meu lado. Segurou minha mão com um olhar bondoso.

– Olá, Yesubai – disse. – Eu sempre quis conhecê-la.

A mulher trajava um vestido cintilante e tinha os olhos verdes como uma floresta. Usava um bracelete dourado em forma de serpente. Após passar a mão lentamente em meu pescoço, ela disse:

– Você pode falar, se assim desejar.

– Quem... quem é você? O que está acontecendo?

– Sou a deusa Durga.

– Uma deusa? – Meus olhos se encheram de lágrimas. Minhas preces

tinham sido ouvidas. – Então veio para nos salvar?

Ela balançou a cabeça tristemente.

– Não. Não foi por isso que vim.

– Não entendo. Então por que está aqui?

– Como eu disse, queria conhecê-la.

– Por quê?

– Queria entender quem você é. – Ela voltou o olhar para os homens, que estavam paralisados, e disse em voz baixa: – Particularmente, queria saber se você o ama.

– Se eu amo quem?

– Kishan.

Talvez eu tivesse batido a cabeça com força demais e tudo não passasse de algum tipo de delírio, mas a visão da linda deusa parecia completamente real. E algo nela me fazia sentir vontade de confessar toda a verdade.

– Sim – respondi em voz baixa. – Eu o amo. Sinto muito pelo que aconteceu com Dhiren. Ele é um bom homem. Não merecia sofrer. Se eu pudesse voltar atrás e fazer tudo diferente, voltaria.

A deusa me observou e então assentiu:

– Eu acredito em você.

– Eles não merecem que o destino deles fique preso ao meu.

– Não quero que você se preocupe com o destino deles, Yesubai.

– Mas Lokesh...

Ela tocou meu rosto com a mão, se aproximou mais e sussurrou:

– Seu pai *será* derrotado, mas não neste tempo.

– Eu vou viver para presenciar isso?

Ela parou, refletiu sobre a pergunta e então disse, quase como se não devesse:

– Eu não penso igual aos outros deuses com relação a revelar o futuro, então vou responder sua pergunta. – Ela envolveu minha mão na dela. Só tive um instante para me perguntar por que não estava sentindo nada, e então ela disse: – Você não viverá além de hoje. Na queda, você quebrou o pescoço.

– Mas eu sou capaz de me curar.

Ela balançou a cabeça.

– A dádiva da proteção e da cura que você ofereceu aos irmãos teve um preço alto. Quando você os defendeu, o poder que tinha se consumiu. Você se tornou verdadeiramente mortal.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Ela esperou pacientemente ao meu lado até que eu conseguisse falar outra vez:

– Então eu passei no seu teste?

– Não havia nenhum teste, Yesubai.

– Talvez não, mas Kishan disse que uma dádiva seria conferida até mesmo à mais baixa das criaturas se os deuses a julgassem valorosa.

A deusa hesitou, mas então assentiu ligeiramente.

– Que dádiva procura?

– Você pode... zelar por ele?

Sobriamente, com um indício de alívio na voz, ela concordou:

– Sim. Vou zelar pelos dois príncipes. Prometo isso a você.

– Pode salvar Isha também?

– Quem é Isha?

– É minha serviçal. Lokesh voltará sua vingança contra ela.

A deusa ergueu a vista brevemente, observando algo além da minha visão, e então consentiu:

– Está bem. Vou oferecer um refúgio a ela.

– Então o sacrifício valeu a pena.

– Sim. Agora descanse, pequena. Você é muito corajosa.

Em uma explosão brilhante de luz, a deusa desapareceu e voltei a sentir que não conseguia respirar. Kishan me segurou nos braços, pressionou os lábios em minha têmpora e implorou:

– *Dayita*, meu amor... não me deixe.

A bênção de seus murmúrios e promessas comoventes era algo que eu não sabia ao certo se merecia, mas meu coração se encheu de gratidão assim mesmo.

O arrependimento final que me ocupou a mente no momento em que a vida abandonava meu corpo mortal não tinha nada a ver com Isha ou Dhiren, com confrontar meu pai ou deixar Kishan para trás. As promessas da deusa haviam me confortado e tranquilizado com relação a todos eles.

Não. O que mais lamentei foi que, quando Kishan finalmente beijou minha boca — algo que eu desejava desde que me encontrara ao lado dele no jardim do rei —, eu não senti nada. A morte me levou antes que eu pudesse experimentar o sabor de seus lábios. Mas sua imagem foi a última a ocupar minha visão no momento de minha partida.

# AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a algumas pessoas que me ajudaram a organizar esta novela e deixá-la pronta para ser compartilhada. Em primeiro lugar, quero agradecer a meu agente, Alex Glass, pelo apoio e esforço incansável em meu nome. Acredito que ele estava quase tão entusiasmado quanto eu por participar deste projeto.

Obrigada a Cliff Neilsen mais uma vez pela linda arte da capa. Trabalhar com você é uma inspiração e um grande prazer.

Minha mais sincera gratidão aos primeiros leitores da obra: minhas irmãs Linda, Shara e Tonnie; minha mãe, Kathleen; meu irmão, Jared, e sua mulher, Suki; e minha amiga Linda. Vocês são incríveis, verdadeiras fontes de inspiração, e estão sempre dispostos a pegar um remo para ajudar este barco a avançar.

Agradeço profundamente à minha revisora, Amy Knupp, da Blue Otter Editing, e à equipe de publicação on-line do Trident Media Group: Elizabeth Parks, Emily Ross, Lyuba DiFalco e Nicole Robson. Vocês merecem uma festa.

Por fim, aplaudo de pé todos os dedicados leitores, blogueiros e tuiteiros que constantemente me pedem novas aventuras dos tigres. Esta é dedicada a vocês. =)

# G U I A  D E  L E I T U R A

1) Apesar do perigo, Isha continuou ao lado de Yesubai. O sacrifício valeu a pena?

2) Lokesh desconta a raiva na filha e a ameaça constantemente. Por que ele a mantém viva?

3) Por que você acha que Yesubai decidiu usar um véu dourado na festa do rei, mesmo sabendo que o pai preferia um que fosse cor de lavanda?

4) Yesubai herdou poderes de seu pai, porém ele não era capaz de se curar ou de ficar invisível. Por que você acha que os poderes dela se manifestaram de forma diferente?

5) Como Yesubai se sente quando o rei anuncia que ela vai se casar? Por quê?

6) Flores e jardins são um dos temas deste livro. Yesubai se compara a uma flor que fica trancada, longe do sol. Há outras comparações possíveis entre Yesubai e uma flor?

7) Quando Yesubai vai até o palácio do rei com o pai, ela passa por três portões guardados por animais – macacos, tigres e elefantes. Todas essas criaturas são encontradas na série *A maldição do tigre*. Você observou outros símbolos ou referências que sejam temas recorrentes?

8) Lokesh se encontrou com Kishan no jardim suspenso do rei. Qual você acha que era o verdadeiro propósito de Lokesh?

9) Deschen é diferente do modo como Ren e Kishan a haviam descrito antes? Em caso afirmativo, em que sentido?

10) A história das carpas que sobem a cachoeira foi significativa para Yesubai. Você acha que ela realmente recebeu uma dádiva dos deuses?

11) Yesubai se pergunta se a família Rajaram e o mundo seriam melhores caso ela nunca tivesse nascido. O que mudaria em *A maldição do tigre* se ela não tivesse existido?

12) Um dos temas desta história é "filho de peixe peixinho é". Yesubai está fadada a se tornar uma vilã como seu pai? Em que sentido ela é diferente dele?

13) Ren diz que Lokesh é como uma serpente cujo veneno corre pelas veias de todos eles. Em que sentido isso é verdade?

14) O principal tema da série *A maldição do tigre* é que o verdadeiro amor exige sacrifícios. Yesubai realmente amou Kishan? Kishan realmente amou Yesubai? E ele amou Kelsey? Ele mudou após a experiência com Yesubai?

15) O que Kelsey e Yesubai têm em comum e em que são diferentes?

16) O poema de abertura, *Morte prematura*, reflete a experiência de Yesubai? De que forma?

17) Em sua opinião, por que Yesubai não foi capaz de se curar ao fim do livro? Poderia haver mais de uma razão?

18) Durga manteve Yesubai viva durante tempo suficiente para fazer uma pergunta. Qual foi a pergunta e por que ela foi importante?

19) Supondo que Durga tivesse o *kamandal* e fosse capaz de salvar a vida de Yesubai, por que não o fez?

20) Yesubai é uma pessoa diferente do que você esperava? Agora você gosta dela mais ou menos do que antes? Por quê?

# S O B R E  A  A U T O R A



**COLLEEN HOUCK** é uma leitora voraz que adora livros de ação, aventura, ficção científica e romance. Estudou na Universidade do Arizona e trabalhou como intérprete de língua de sinais durante 17 anos. Ela mora em Salem, no Oregon, com o marido e um tigre branco de pelúcia.

# CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA AUTORA




## A MALDIÇÃO DO TIGRE

Kelsey Hayes perdeu os pais recentemente e precisa arranjar um emprego para custear a faculdade. Contratada por um circo, ela é arrebatada pela principal atração: um lindo tigre branco.

Kelsey sente uma forte conexão com o misterioso animal de olhos azuis e, tocada por sua solidão, passa a maior parte do seu tempo livre ao lado dele.

O que a jovem órfã ainda não sabe é que seu tigre Ren é na verdade Alagan Dhiren Rajaram, um príncipe indiano que foi amaldiçoado por um mago há mais de 300 anos, e que ela pode ser a única pessoa capaz de ajudá-lo a quebrar esse feitiço.

Determinada a devolver a Ren sua humanidade, Kelsey embarca em uma perigosa jornada pela Índia, onde enfrenta forças sombrias, criaturas imortais e mundos místicos, tentando decifrar uma antiga profecia. Ao mesmo tempo, se apaixona perdidamente tanto pelo tigre quanto pelo homem.

*A maldição do tigre* é o primeiro volume de uma saga fantástica e épica que

apresenta mitos hindus, lugares exóticos e personagens sedutores. Lançado originalmente como e-book, o livro de estreia de Colleen Houck ficou sete semanas no primeiro lugar da lista de mais vendidos da Amazon, entrando depois na do *The New York Times*.




## O RESGATE DO TIGRE

Após abandonar seu grande amor na Índia, Kelsey Hayes volta para o Oregon e se esforça para juntar os pedaços de seu coração. Porém, por mais que tente levar uma vida normal ocupando seu tempo com a faculdade, novos amigos e pretendentes, seus pensamentos teimam em retornar para as selvas exuberantes, as cachoeiras cintilantes e os olhos azul-cobalto de seu tigre.

Enquanto sonha com o dia em que Ren atravessará o oceano atrás dela, Kelsey não imagina que é caçada pelo maior dos malfeitores, que está mais uma vez com sede de poder. Presa a um turbilhão de provações, ela é arrancada daquele que ama e lançada nos braços de outro.

Forçada a partir imediatamente numa segunda busca, Kelsey encontra o paraíso no Tibete e vive seu pior pesadelo ao retornar para a Índia.

Com grandes revelações e reviravoltas, *O resgate do tigre* dá continuidade à saga épica *A maldição do tigre*, que já foi lançada em 18 países e ocupou os primeiros lugares na lista dos mais vendidos do *The New York Times*.




## A VIAGEM DO TIGRE

Em sua terceira busca, a jovem Kelsey Hayes e seus tigres precisam vencer desafios incríveis propostos por cinco dragões míticos. O elemento comum é a água, e o cenário de mar aberto obriga Kelsey a enfrentar seus piores temores.

Dessa vez, sua missão é encontrar o Colar de Pérolas Negras de Durga e tentar libertar seu amado Ren tanto da maldição do tigre quanto de sua repentina amnésia. No entanto o irmão dele, Kishan, tem outros planos, e os dois competem por sua afeição, além de afastarem aqueles que planejam frustrar seus objetivos.

Em *A viagem do tigre*, terceiro volume da série *A maldição do tigre*, Kelsey, Ren e Kishan retomam a jornada em direção ao seu verdadeiro destino numa história com muito suspense, criaturas encantadas, corações partidos e ação de primeira.

A épica saga dos tigres já foi lançada em 18 países e ocupou os primeiros lugares na lista dos mais vendidos do *The New York Times*.




## O DESTINO DO TIGRE

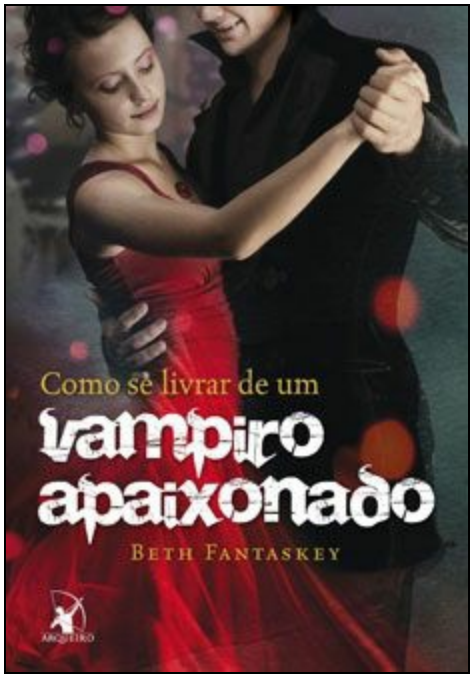
Kelsey, Ren e Kishan sobreviveram a três aventuras dramáticas e muitas provações. Mas, antes que possam partir na busca pelo último presente da deusa Durga, têm que enfrentar o feiticeiro Lokesh em seu próprio território.

O vilão sequestrou Kelsey e já detém o poder de três amuletos. Ela precisa escapar de suas garras para quebrar a maldição do tigre, libertando seus amados príncipes. Esse, porém, é apenas o início da história em que escolhas difíceis e decisivas devem ser feitas por todos.

O elemento principal agora é o fogo, e em meio a lava, demônios, animais fantásticos e zumbis, o trio enfrenta seu derradeiro desafio. O caminho é arriscado e cheio de reviravoltas potencialmente fatais. Só uma coisa é certa: ninguém pode fugir de seu destino.

A saga dos tigres chega ao auge. Nunca antes Kelsey, Ren e Kishan sofreram tanto, estiveram tão unidos e precisaram lutar contra inimigos com tamanho poder. Emocionante do início ao fim, *O destino do tigre* explica todos os mistérios que unem os personagens e promete surpreender os leitores.

# CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO




## COMO SE LIVRAR DE UM VAMPIRO APAIXONADO
### *BETH FANTASKEY*

Jessica Packwood levava uma vida tranquila no interior da Pensilvânia e esperava ansiosamente pelo início do último ano escolar. Seus planos eram se formar e conseguir uma bolsa de estudos para a faculdade, ganhar a olimpíada de matemática e namorar seu colega Jake Zinn.

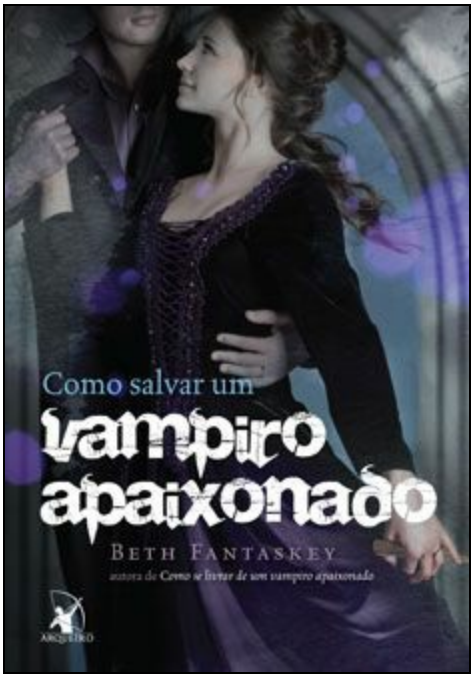
Mas aí um novo aluno esquisitão (e muito gato) chamado Lucius Vladescu aparece do nada, dizendo que Jessica pertence à realeza vampírica e lhe foi prometida em casamento para selar a união entre os clãs mais poderosos dos vampiros. E de repente Jessica percebe que sua vida está prestes a virar de pernas para o ar.

Para completar, Lucius fica hospedado na casa dela e faz de tudo para conquistá-la e atrapalhar seu flerte com Jake. Com a desculpa de que está fazendo intercâmbio, ele gruda em Jessica na escola e humilha todos os

outros alunos da aula de literatura. O romeno esnobe e perfeitinho tira a garota do sério, mas logo começa a se encantar pelo estilo de vida local e a rever seus conceitos.

Jessica, por sua vez, vivencia uma importante autodescoberta e sofre uma transformação física e psicológica, fazendo as pazes com o seu passado e chegando a uma encruzilhada: ela deve ignorar o pacto de casamento e tocar sua vida simples ao lado da família e do namoradinho do colégio ou se abrir para uma experiência surreal e se unir a Lucius por toda a eternidade?

Em seu livro de estreia, Beth Fantaskey mesclou humor, fantasia, romance e terror para criar uma história surpreendente. Repleto de tiradas sarcásticas, diálogos divertidos e personagens complexos, *Como se livrar de um vampiro apaixonado* apresenta uma nova forma de enxergar os mortos-vivos mais atraentes da literatura mundial.




# Como salvar um vampiro apaixonado

## *Beth Fantaskey*

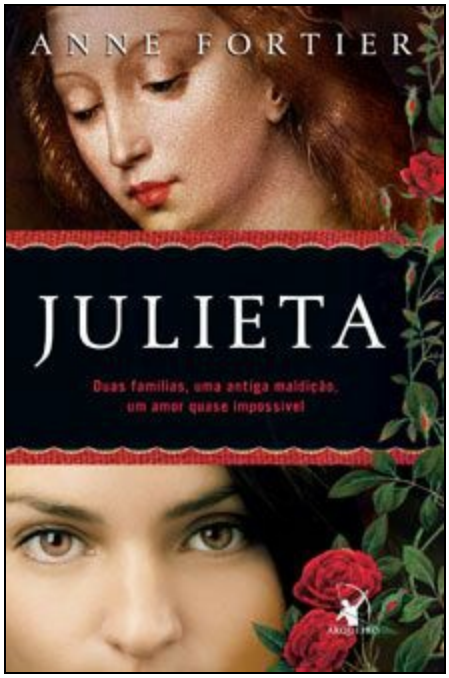
Quando Jessica Packwood descobriu que era uma princesa vampira romena, sua pacata vida adolescente virou de pernas para o ar. Ela precisou fazer as pazes com seu passado e vencer muitos obstáculos para ficar com seu belo príncipe, Lucius Vladescu.

Depois de se casarem na Romênia, agora Jessica e Lucius devem unir os clãs mais poderosos dos vampiros e estabelecer a paz de uma vez por todas. Mas primeiro ela vai ter que convencer uma nação inteira de vampiros ardilosos de que tem plenas condições de se tornar rainha. O problema é que Jessica nem mesmo consegue pedir uma refeição decente aos empregados de seu castelo, quanto mais lidar com súditos mortos-vivos malignos que adorariam vê-la fracassar.

Tudo se complica ainda mais quando Lucius é acusado de assassinar um vampiro Ancião e é condenado à masmorra, onde espera pelo julgamento que pode levá-lo à morte. Jessica então se vê em apuros, lutando não só pela vida de seu amado, mas também pela própria sobrevivência em um mundo repleto

de intrigas.

Desesperada para provar a inocência do marido, ela conta com a ajuda de sua melhor amiga, Mindy Stankowicz, e do misterioso primo italiano de Lucius, Raniero Lovatu. Mas será que a princesa pode mesmo confiar neles?




# JULIETA
## *ANNE FORTIER*

Julie Jacobs é uma moça reservada e solitária. Ainda criança, perdeu os pais num terrível acidente de carro e foi criada por sua tia-avó Rose. Durante toda a vida, Julie teve problemas de relacionamento com Janice, sua insuportável irmã gêmea, e a pessoa de quem se sentia mais próxima era Umberto, o fiel mordomo de Rose.

É ele que vai ao seu encontro para dar a triste notícia da morte da tia e lhe entrega uma carta com uma revelação bombástica: seu verdadeiro nome é Giulietta Tolomei. A carta diz também que, antes de morrer, sua mãe descobrira um antigo tesouro de família e, ao que parece, algo muito valioso ainda está escondido em Siena.

Embora descrente, Julie viaja para sua cidade natal a fim de recuperar a herança da mãe. Ao chegar lá, encontra apenas objetos velhos, aparentemente sem valor. Ela também conhece algumas pessoas, quase todas adoráveis, com exceção de Alessandro, de quem desgosta de cara.

Lendo um velho diário que encontrou entre os pertences da mãe, Julie

descobre que sua família, os Tolomei, tem uma antiga inimizade com os Salimbeni e que essa rixa provocara uma tragédia que atravessou os séculos – e que Shakespeare tornou mundialmente famosa ao escrever *Romeu e Julieta*.

Quanto mais fundo ela mergulha na história de seus ancestrais, Romeo e Giulietta – e de sua própria família –, e quanto mais perto chega do tesouro supostamente deixado pela mãe, maiores são os riscos que a cercam.

Pouco a pouco Julie, ou Giulietta, vai perceber que, nessa cidade, passado e presente parecem indissociáveis. E que nem sempre se pode ter certeza de quem é ou não confiável.




# ÁGUA PARA ELEFANTES

## *SARA GRUEN*

Desde que perdeu sua esposa, Jacob Jankowski vive numa casa de repouso, cercado por senhoras simpáticas, enfermeiras solícitas e fantasmas do passado. Durante 70 anos Jacob guardou um segredo: nunca falou a ninguém sobre o período de sua juventude em que trabalhou no circo. Até agora.

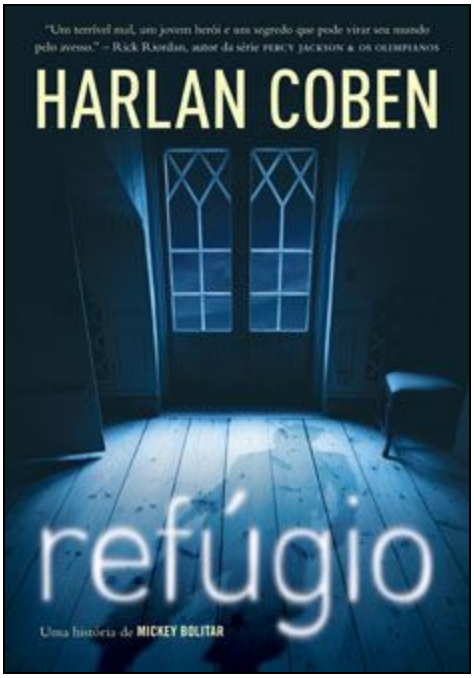
Aos 23 anos, Jacob era um estudante de veterinária, mas teve sua vida transformada após a morte de seus pais num acidente de carro. Órfão, sem dinheiro e sem ter para onde ir, ele deixa a faculdade antes de fazer as provas finais e, desesperado, acaba pulando em um trem em movimento, o Esquadrão Voador do circo Irmãos Benzini, o Maior Espetáculo da Terra.

Admitido para cuidar dos animais, Jacob sofrerá nas mãos do Tio Al, o empresário tirano do circo, e de August, o ora encantador, ora intratável chefe do setor dos animais.

É também sob as lonas que ele se apaixona duas vezes: primeiro por Marlena, a bela estrela do número dos cavalos e esposa de August; e depois por Rosie, a elefanta aparentemente estúpida que deveria ser a salvação do

circo.

*Água para elefantes* é tão envolvente que seus personagens continuam vivos muito depois de termos virado a última página. Sara Gruen nos transporta a um mundo misterioso e encantador, construído com tamanha riqueza de detalhes que é quase possível respirar sua atmosfera.




# REFÚGIO
## *HARLAN COBEN*

Mickey Bolitar nunca levou uma vida muito comum. Passou toda a infância se mudando para diferentes partes do mundo por conta do trabalho humanitário de seus pais, Kitty e Brad Bolitar.

Tudo parecia perfeito – o casal era muito apaixonado e se sentia realizado com seu trabalho. No entanto, seu filho estava entrando na adolescência e não parecia justo que ele não pudesse estabelecer raízes e fazer amigos, como qualquer jovem de 15 anos.

Decididos a viver de um modo um pouco mais convencional, Brad e Kitty retornam aos Estados Unidos, onde pretendem se estabelecer até que Mickey vá para a faculdade.

Mas a família é atingida por um doloroso golpe do destino: Mickey presencia a morte do pai num grave acidente de carro e Kitty, incapaz de lidar com a dor da perda, se entrega às drogas. O rapaz então se depara com o desafio de sobreviver a essa grande reviravolta em sua vida.

Em meio a um turbilhão de acontecimentos, Mickey tem que se esforçar

para se adaptar à nova realidade. Ele só não imagina que seus problemas estão apenas começando...

# CONHEÇA OS CLÁSSICOS DA EDITORA ARQUEIRO

*Queda de gigantes* e *Inverno do mundo*, de Ken Follett

*Não conte a ninguém*, *Desaparecido para sempre*, *Confie em mim*, *Cilada* e *Fique comigo*, de Harlan Coben

*A cabana* e *A travessia*, de William P. Young

*A farsa*, *A vingança* e *A traição*, de Christopher Reich

*Inferno*, *O símbolo perdido*, *O Código Da Vinci*, *Anjos e demônios*, *Ponto de impacto* e *Fortaleza digital*, de Dan Brown

*Uma Longa Jornada*, *O melhor de mim*, *O guardião*, *Uma curva na estrada*, *O casamento* e *À primeira vista*, de Nicholas Sparks

*O guardião de memórias*, de Kim Edwards

*O guia do mochileiro das galáxias*; *O restaurante no fim do universo*; *A vida, o universo e tudo mais*; *Até mais, e obrigado pelos peixes!* e *Praticamente inofensiva*, de Douglas Adams

*O nome do vento* e *O temor do sábio*, de Patrick Rothfuss

*A passagem* e *Os Doze*, de Justin Cronin

*A revolta de Atlas*, de Ayn Rand

*A conspiração franciscana*, de John Sack

# INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

 www.editoraarqueiro.com.br

 facebook.com/editora.arqueiro

 twitter.com/editoraarqueiro

 instagram.com/editoraarqueiro

 skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

# S U M Á R I O




**CRÉDITOS**

**PRÓLOGO** **PERDIDA**

**CAPÍTULO 1** **VÉU**

**CAPÍTULO 2** **EXIBIÇÃO**

**CAPÍTULO 3** **RUBOR**

**CAPÍTULO 4** **A ISCA**

**CAPÍTULO 5** **NOIVA**

**CAPÍTULO 6** **TRAIÇÃO**

**EPÍLOGO** **PARTIDA**

**GUIA DE LEITURA**

**SOBRE A AUTORA**